



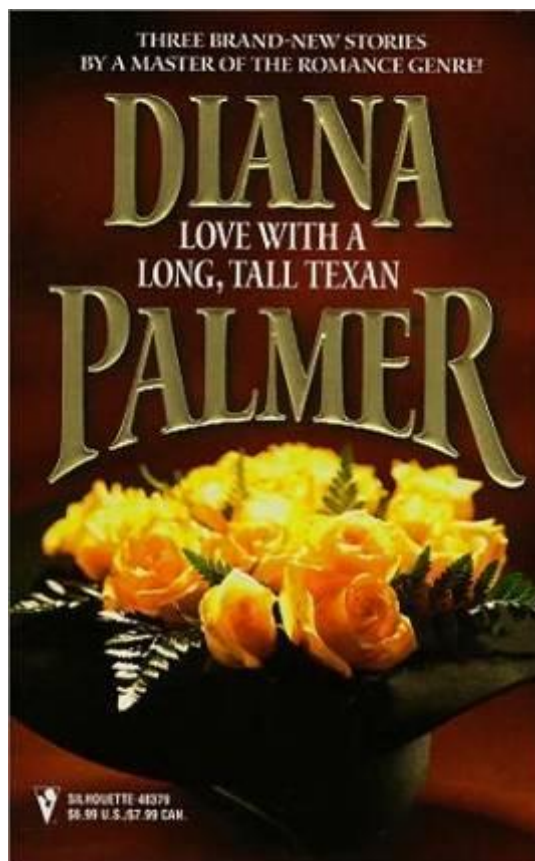
Love With a Long, Tall Texan 1

Luke Craig

— Luke Craig e Belinda Jessup —

Diana Palmer

Série Homens do Texas 21



OBS: Ward Jessup (que é o nome original em inglês), irmão de Belinda é chamado de Burt Jessup no livro "*Cilada Do Destino*", no qual é o protagonista.

Disponibilização/Tradução/Revisão: Ana Mota

Revisão Final: Sky

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



Eram altos, fortes e independentes, e tinham todas as mulheres de Jacobsville a seus pés. Mas tem que ser muito especial para domesticar estes duros texanos e conseguir que renunciem as suas apreciadas liberdades. Porque quando estes texanos se apaixonam, fazem-no de verdade e para toda a vida, sem barreiras no meio...

Luke Craig, o esquivo solteiro. Nunca tinha sido "laçado" - até que a mulher mais irritante que conheceu, entrou em sua vida.

Christopher Deverell, o viajante. Uma ambiciosa jornalista estava a ponto de escrever a história do século... a menos que ele pudesse detê-la.

Guy Fenton, o rebelde. Sua má fama estava além de toda redenção... até que uma suscetível publicitária jura fazê-lo ficar de joelhos.





Capítulo 1

Luke Craig era um rancheiro, e tinha lutado contra todos os tipos de problemas ao longo dos anos. Ele teve que lidar com a queda do preço da carne do boi, mercados fechados, invernos loucos e colheitas ruins que exigiram que ele comprasse alimentação para o gado ao longo do inverno. Mas o problema que tinha acabado de começar era um que ele nunca tinha imaginado. Um acampamento de verão para crianças desfavorecidas da cidade tinha acabado de começar ao lado de seu rancho, e ele estava tendo que negociar com os invasores e isto fazia com que a negociação com o Exército mexicano em 1836 parecesse coisa de criança em comparação.

Acima de tudo isso, a dona do acampamento era uma mulher jovem e destemida que parecia ter sido feita de mau temperamento e excesso de teimosia. Seu nome era Belinda Jessup. Ele conhecia ligeiramente o irmão dela, Ward, tendo o conhecido na reunião da associação dos pecuários. Ward estava mais interessado em poços de petróleo do que em gado, a princípio, mas ele ainda mantinha sua adesão em sociedades que lidavam com linhagem de animais. Belinda não se parecia muito com o irmão, mas eles compartilhavam o mesmo temperamento quente. Ela não era feia, possuía cabelo loiro escuro, olhos verdes e personalidade descontraída. Estranho como Luke se sentia afetado por ela da forma errada.

A irmã dele, Elysia, gostava de Belinda. Claro, Elysia tinha acabado de casar com Tom Walker, o pai de sua pequena filha Crissy, e agora, sob o brilho de sua felicidade nupcial, gostava de todo mundo. Luke, vivendo só pela primeira vez em anos, estava ficando enjoado de sua própria comida e companhia. O projeto de Belinda deixou-o mais irritável do que normalmente já era.

Foi um choque descobrir que o velho Peterson tinha vendido a propriedade junto ao rio que dava para as terras de Luke para um estranho. Tinha sido súbito, também. A terra não tinha sido anunciada, nem mesmo com uma placa à margem da estrada. Num dia, o velho Peterson possuía a terra. No dia seguinte, ele estava sendo trabalhado como um acampamento para a mocidade, estava acabado, com pavilhão telhado, pequenas cabanas e um cais no rio. O pasto de Luke ficava junto à propriedade. Era delineado por uma cerca eletrificada robusta e um portão de aço com cadeado. Na primeira manhã em que as crianças da senhorita Jessup tinham chegado, o cadeado tinha sido habilmente removido e o portão aberto. Os vizinhos ligaram para o escritório do xerife para reclamar que o gado Hereford de Luke estava vagando pela vizinhança — e estrada.

Luke e seus homens reuniram o gado, colocaram-nos de volta no pasto cercado, e o cadeado tinha sido substituído por uma corrente com metade do tamanho de uma de âncora de navio, fechada com oito cadeados com combinações diferentes.

Na manhã seguinte, o xerife substituto tinha voltado com a mesma reclamação sobre gado solto. Luke verificou que todos os oito cadeados estavam jogados na grama, enferrujando.

Era inevitável que o rancheiro fosse diretamente à fonte do problema.

Belinda estava fazendo o horário de recreação do dia seguinte quando ouviu o som de cascos de cavalos do lado de fora da cabana grande que servia como seu escritório central. Ela tinha ouvido falar em estouro de gado e teve o péssimo pressentimento de que uma retaliação estava a caminho.

Ela saiu para enfrentar a dificuldade. Era realmente um problema: um homem esbelto e ágil, usando jeans, um caro chapéu de aba larga e botas com esporas prateadas que até o irmão dela teria desejado.

Enquanto ele se aproximava, ela percebeu que ele era incrivelmente bonito, com cabelos loiros espessos e olhos tão azuis quanto uma porcelana chinesa. Ele tinha a boca firme, queixo quadrado e uma expressão em seu rosto magro que poderia fazer leite coalhar. Não era necessário dizer que se tratava de Luke Craig. Ela já tinha ouvido falar sobre ele na cidade, embora a maioria das pessoas dissesse que ele era calmo e amigável. Ele não parecia ser assim para Belinda.

Ela levantou ambas as mãos. "Nós estamos dispostos a pagar os danos", ela disse de uma vez. "Eu sei quem é o culpado, e já conversei com ele. Uma conversa firme".

Ele pôs ambas as mãos nos quadris estreitos e olhou fixamente para ela. Era grande a diferença de altura. Ela era uma mulher pequena. "Se fossem meus touros procriadores em vez de bois, nós não estaríamos conversando, Senhorita Jessup", ele disse com um tom fundo, cortante. "Você estaria em uma cela na prisão do município, junto com seu bando de ladrõezinhos".

"Meus ladrõezinhos...!", a boca de Belinda respondeu em um estalo. "Espere um pouco aí, caubói", ela disse seca, perdendo a paciência e a diplomacia de uma vez só. "Estas crianças nunca tiveram muito. Eles vivem em uma pobreza miserável com pais que não os querem. Alguns deles foram surrados, alguns se viciaram em álcool e drogas, alguns estiveram na prisão. O mais velho tem apenas dezessete, e eu deixarei que você imagine o tipo de educação que tiveram. Eu abri este acampamento para dar a eles um vislumbre de como a vida poderia ser, de como deveria ser! Eu os trouxe aqui para aprenderem que há mais no mundo do que casas sujas e pais bêbados com som de tiros todas as noites de suas vidas".

Ele a estudou com franca curiosidade, a expressão não mostrando nada de seus pensamentos.

"Você faz parte de uma sociedade de salvação, creio".

"Na realidade, sou uma defensora pública mal paga em Houston", ela respondeu. "No verão levo algumas crianças para acampar. Este ano decidi comprar um pouco de terra e torná-la um acampamento permanente".

Ele concordou com a cabeça. "Logo ao lado do meu maior pasto".

"Aqui é o Texas", ela o lembrou. "Você tem muita terra. Eu apenas quero este minúsculo pedaço, aqui mesmo, que comprei e paguei".

"Você não pagou pelo direito de deixar meu gado solto".

Ela suspirou com força. "Você está certo, eu não fiz", ela admitiu. "E se eu não tivesse insistido em trazer Kells junto comigo, você não teria sido incomodado duas vezes em uma semana. Sinto muito".

Ela tinha atiçado a curiosidade dele. Ele conhecia vários arruaceiros, mas a maior parte deles apenas falava e não fazia nada. "Kells?".

"O de dezessete anos", ela continuou. "Eu o defendi quando ele foi preso por roubar uma loja. No mês passado eu convenci o juiz a dar uma segunda chance e pedi que o deixasse ficar sob minha custódia e que ele saísse do reformatório juvenil". Ela fez uma careta.

"Ele não é uma criança de rua ordinária. Não há uma fechadura que ele não possa abrir. Se eles o puserem na prisão, ele será um mestre em abrir cadeados quando sair, com diploma e tudo".

"Tendo aprendido com os profissionais, os presidiários", ele concordou.

"Exatamente". Ela observou os olhos azuis dele curiosamente. "Socialmente consciente você, não?".

"Eu assisto o jornal todas as noites", ele retornou. "E sou a favor da reforma penitenciária. Eu apenas não a quero próxima da minha porta".

"Todos se sentem assim", ela disse a ele. "É o mesmo com qualquer coisa desagradável. Sim, vamos ter um novo aterro sanitário, mas não vizinho à minha terra. Sim, vamos ter uma incineradora, uma unidade de tratamento de água, uma fábrica nova, mas não ao lado da minha terra".

"Você não pode culpar as pessoas por guardarem seus investimentos", ele assinalou. "E eu trabalho duro para obter minha renda assim como você trabalha para obter a sua, Senhorita Jessup".

Ela sorriu. "Eu sei um pouco sobre gado. Meu irmão está envolvido com extração de petróleo atualmente, mas ele ainda tem umas mil cabeças de Santa Gertrudis no seu rancho em Ravine".

"Ele é de Oklahoma, não é?".

"Não, mas nossa mãe era", ela o corrigiu.

"Nós ainda temos parentes lá", ela murmurou sem acrescentar que eles nunca tiveram nenhum contato com esses parentes, ou com a própria mãe escandalosa, que tinha abandonado-os para fugir com um homem casado.

"Eu conheço seu irmão", ele acrescentou inesperadamente. "Eu vou a algumas convenções de pecuários, quando consigo tempo. Ele se casou há alguns anos, não é?".

"Sim, com uma das poucas mulheres no mundo que ele realmente gosta", ela murmurou secamente.

Ela olhou para o animal branco com manchas pretas que ele estava montando. "Boa égua".

"Ela tem quatro anos", ele disse com um sorriso. "Uma Appaloosa. Eu crio alguns deles".

"Meus meninos adorariam montar um cavalo", ela murmurou.

O rosto dele se endureceu. "É mesmo? Há um estábulo de equitação daqui a alguns quilômetros — o rancho Bar-K do Stan".

"Eu sei. Eu já o abordei sobre lições de montaria", ela disse com um sorriso presunçoso para a cara de desapontamento dele. "Queria usar isso contra mim, hmm, Sr. Craig?".

Ele olhou para as cabanas. Uma cortina se moveu. Ele apostaria que tinha sido o menino que ela tinha mencionado — Kells. Ele ficou olhando fixamente para o local e a cortina baixou e ficou assim.

"Bela encarada", ela murmurou. "Quanto tempo você demorou a aperfeiçoá-la?".

"Toda minha vida". Ele puxou o máximo o chapéu de cima dos olhos e olhou fixamente para ela, abaixo. "Nada mais de portão aberto. Eu paguei a um homem para fazer expediente noturno aqui. Um policial da cidade. Ele estará armado".

Ela prendeu a respiração nitidamente. "Você o faria atirar em uma criança que transpassasse para sua terra?".

"Eu não iria", ele disse friamente. "Mas estou tentando te fazer ver a seriedade da situação. Não faz muito tempo que deixar um portão aberto poderia fazer alguém ser preso no Texas".

"Assim como insultar uma dama", ela disse lentamente.

Ele ergueu uma sobrancelha loira e um canto da boca se arrastou para cima em um sorriso muito sarcástico.

Ela realmente corou. Seus punhos se fecharam ao lado do corpo. "Eu direi a Kells que seu soldado nazista está à espera dele".

"Soldado nazista", ele murmurou. "Um homem de família com seis crianças e dez netos que não consegue cuidar de todos com o que pagam a ele para arriscar a própria vida todos os dias enquanto trabalha".

Ela teve a graça de se sentir envergonhada. "Desculpe".

"Você tem estado do lado contrário à lei durante um bom tempo, não?", ele perguntou friamente. "Talvez você devesse gastar um pouco de tempo com as vítimas das pessoas que você defende e ampliar a sua visão de mundo".

A inspiração dela foi audível, mesmo acima do vento forte das árvores ao redor deles.

"Isso foi desnecessário! Você não faz ideia do que eu faço —"

Ele a cortou imediatamente. "Eu faço ideia sim! Eu me sentei no tribunal e assisti um defensor público ambicioso acusar minha mãe de pedir para apanhar em todas as noites de sua vida por um lunático bêbedor que a fez perder dois bebês". Os olhos azuis dele queimavam em um rosto tenso com memórias horríveis. Seus punhos estavam firmes ao lado do corpo. "Ouvindo-o dizer isto, parecia que meu pai era a vítima de sua família, e não o contrário. Bom, pior para ele, porque havia fotografias da minha mãe e da minha irmã, muito claras, que o júri viu". O ódio que ele sentia pelo sistema judicial inteiro estava escrito por todo o rosto enquanto ele falava na corte, com tom profundo atado com amargura. "Eles o prenderam por cinco anos, apesar de todos os subterfúgios jurídicos e conversa mole, mas não a tempo de salvar minha mãe. Ela tinha sofrido tanto abuso durante anos que sua vida foi encurtada. Ela morreu logo depois de ele ter sido condenado".

Ela estava chocada por um total estranho ter dito a ela tal coisa sobre a própria família. Mas ela estava ainda mais chocada por ele tê-la feito se sentir suja com sua confissão, e vagamente culpada também.

"Eu sinto muito", ela disse com genuína condolência.

"Desculpe". Ele olhou para ela de cima a baixo friamente. Seus olhos passaram por ela e foram até as cabanas.

"Sim, você sente pelo modo como o sistema judicial trabalha, Senhorita Jessup. De fato, tão arrependida que você trouxe alguns futuros transgressores da lei para cá, para mimá-los para que eles se convençam de que a sociedade lhes deve muito pelas vidas horríveis que tiveram". Ele olhou fixamente para ela. "Eu podia escrever para você um livro sobre distúrbios familiares e abusos físicos, mas eu nunca arrombei uma fechadura, roubei um carro ou atirei em uma pessoa na minha vida, exceto durante a Tempestade do Deserto quando minha unidade de reserva do exército foi chamada".

Ela recuou um passo. "Eu não estou tentando defender os criminais, Sr. Craig. Estou tentando tirar alguns criminosos potencias das ruas antes que a coisa se torne real".

"Mime-os, então", ele meditou. "E veja quanto tempo levará para um deles cortar sua garganta enquanto você dorme". Ele se debruçou para frente. "Mas não ligue para o que eu digo", ele acrescentou cinicamente. "Por experiência própria eu sei que as pessoas teimosas sempre aprendem do jeito difícil".

"Você tem uma visão muito estreita de vida", ela respondeu.

Ele olhou na reta do nariz para ela. Ele sabia que estava sendo severo, mas algo nela o incitava a falar. "Eu aposto que você foi amada, querida e mimada, não foi?", ele perguntou.

Ela ficou enervada pelo resplendor dos olhos azuis dele. "Minha infância não é da sua conta".

Ele riu insinceramente. "Ouvindo você dizer isto, a infância de cada criminoso é da minha conta. Pobres pequenos assassinos, ladrões e estupradores. Eles apenas precisavam de um pouco de amor para serem bons cidadãos. E todas as vítimas provavelmente mereceram, não é?".

Ela estava chocada. "Eu nunca disse isto!".

"Vocês que fazem trabalho voluntário acham isto. Disseram que minha mãe pediu para apanhar".

Ela estremeceu. "Claro que ela não fez isso!".

"Sério? O defensor público foi bastante eloquente quanto a isto. Ele teve dúzias de razões para dizer que ela gostava de ter o rosto arrebitado várias e várias vezes".

"Ele estava fazendo seu trabalho", ela disse. "Até o pior criminoso tem o direito de ter um advogado".

"Claro", ele disse lentamente. "E todo defensor público tem o direito de construir uma reputação deixando o culpado livre".

"Seu pai foi solto?", ela perguntou intencionalmente.

"O defensor público conseguiu convencer o júri popular a libertá-lo antes", ele disse a ela. "Ele teria voltado para casa cuspidando fogo e jogado a ira sobre minha irmã e mim. Mas ele morreu na cela de um ataque cardíaco. Eu suponho que Deus ainda acredita na justiça, ainda que o sistema judiciário tenha se esquecido do significado da palavra". Ele girou. "Eu não direi para atirarem no garoto se ele abrir o cadeado novamente. Eu o farei ir preso e ser processado". Ele pausou, encarando-a. "Eu não sou uma criança pobre do campo à mercê do sistema agora. Eu posso procurar ajuda legal e pagar por ela. Se eu perder mais

gado, você não levará um dos seus tutelados para a cidade depois do acampamento de verão. E essa é a única advertência que você terá”.

Ele se virou de volta na sela, girou o cavalo, e montou de volta para o mesmo caminho de onde tinha vindo, suas costas tão retas quanto uma tábua.

Belinda o observou ir embora com as emoções mais contraditórias que já tinha sentido na vida. Ele era um homem amargo, e eles tinham ganhado sua inimizade porque Kells não tinha conseguido ficar com os dedos quietos. Se ela não fosse cuidadosa, se não ficasse de olho no menino, ela acabaria deixando-o ir para a prisão, quando o propósito dela era justamente mantê-lo longe de problemas, junto com seus colegas.

Ela ficou preocupada com o pensamento durante todo o jantar que era cachorro quente com batata frita, os olhos verdes dela estavam fixos no garoto escuro, desengonçado, com cabelo preto ondulado que tinha se sentado com um relógio de bolso que montava e desmontava apenas para se divertir.

Kells era difícil de alcançar. Ele era ultra-sensitivo com a sua falta de graça e sua origem. Ele tinha cinco irmãos dispersos pelo país morando com vários parentes. Ele tinha se mudado para cá com a mãe e o namorado dela, mas o namorado não o queria por perto e a própria mãe não lutou por ele. Ele tinha roubado um CD player de propósito para se vingar da mãe quando o namorado dela bateu nele. No bairro em que ele vivia, muitas pessoas tinham antecedentes criminais. Mas Kells tinha mágica nos dedos e algo em seu jeito que o deixava separado de seus pares. Belinda tinha reconhecido potencial nele. Ela acreditou nele. Ela era a única pessoa que já tinha feito isso.

Ela teve que lutar com a mãe dele e a vara da infância inteira para conseguir trazê-lo para esse acampamento de verão. Agora ele tinha dezessete anos e podia ir para a prisão se fosse preso. Ela talvez o tivesse tirado da frigideira apenas jogá-lo no fogo.

Ele notou o escrutínio dela e seus olhos pretos surgiram, hostis e um pouco defensivos. "Eu posso montá-lo novamente", ele murmurou quando viu o olhar dela sobre o relógio.

"Eu sei que pode", ela disse, e sorriu, "Você é muito hábil com as mãos, Kells. Acho que nunca conheci alguém da sua idade que tivesse a facilidade que você tem para mexer com coisas mecânicas”.

Ele evitou os olhos dela e encolheu os ombros, mas ela sentiu que o elogio o tinha agradado.

"Aquele caubói vai me prender?”.

"Ele é um rancheiro. Foi o gado dele que você soltou, duas vezes”.

"Eu nunca soltei nenhum gado", ele disse com a cabeça baixa.

"Você soltou os cadeados e abriu o portão. O gado fugiu... sozinho”.

Ele fez um movimento aos arrancos com a cabeça. "Nunca tinha visto vacas antes”, ele murmurou.

"Touros”, ela corrigiu.

Os olhos dele surgiram e ele de repente pareceu alerta. "Touros? Não entendi”.

"Vacas são as mães dos bezerros. Novilho é o gado ainda não marcado. Touro é o macho reprodutor. Boi é o gado criado para virar carne. É chamado de gado de corte”.

O rosto inteiro dele pareceu encantado. "Como no supermercado, carne de boi moída e tudo".

Ela sorriu. "Sim, isso mesmo".

Ele perdeu interesse no relógio. "Por que eles ficam separados uns dos outros?".

"Touros não toleram bezerros, e as vacas vão lutar para protegê-los", ela explicou. "Além disto, logística. É mais fácil separar grupos em categorias, fica melhor para trabalhar com eles quando for a hora de separá-los".

Ele se debruçou para frente. "Trabalhar com eles?".

Ela riu. "Durante a reunião dos animais. É necessário fazer isso duas vezes por ano no rancho, uma vez na primavera quando os bezerros nascem e outra vez no outono, quando é necessário separá-los para vendas ou selecionar os que não são reprodutores. Tem que tirar os chifres dos bezerros, marcar a ferro em brasa, dar vacinas, castrar se for virar gado de corte e etiquetar".

Ele estava realmente interessado. Seus olhos estavam mais alerta do que ela já tinha visto antes.

"Eles têm nome ou algo assim?".

"Eles têm números, normalmente em etiquetas na orelha, mas às vezes eles são tatuados ou recebem um chip de computador com a história individual do animal, implantado debaixo do couro para ser lido com um scanner".

"Você está brincando!".

"Não estou. Nós temos pessoas ativas na indústria de gado até hoje".

"Aqueles gado de antes tinha um chip de computador?".

"Não sei". Ela frisou os lábios. "Nós podíamos perguntar ao Sr. Craig".

Ele fez uma careta. "Oh, ele não conversará comigo", ele disse. "Eu sei como as pessoas são por aqui".

Ela o estudou silenciosamente. "Como eles são?".

"Preconceituosos", ele murmurou.

Ela sorriu. "Você sabia que um quarto de todos os vaqueiros no oeste durante o último século era formado por negros?".

"Sério?".

"Afro-americanos e hispano-americanos ainda compõem uma boa parte da população por aqui nos ranchos — com certeza nas terras do meu irmão. Estou certa de que você ouviu falar sobre as Nona e Décima Cavalaria—os Soldados de Búfalo—e as unidades Cinquenta e seis e Cinquenta e sete da Infantaria. Formadas por afro-americanos".

"Você quer dizer que os Soldados de Búfalo todos eram negros?".

Ela anuiu com a cabeça. "Foi o grupo que teve a mais alta taxa de alistamento e a mais baixa taxa de deserção de qualquer grupo no exército".

Ele parecia crescer mais à medida que ela falava. "Eles não me disseram nada sobre isso na classe de história".

"Está mudando", ela disse. "A história Americana está lenta, mas seguramente começando a mudar, incluindo as contribuições de todas as raças, não apenas as dos brancos".

Os lábios dele se abriram em um sorriso relutante enquanto os dedos longos brincavam com o relógio.

"Você está certa, Senhorita Jessup".

"Você também, Kells. Não se preocupe com o Sr. Craig. Tudo vai dar certo".

"Eu não sei", ele disse baixinho. "Não é difícil ver que ele não nos quer aqui".

"Ele quer sim", ela disse contrariada. "Ele só não sabe disto ainda!".

Capítulo 2

Luke estava fumegando quando chegou em casa. Ele odiava toda a história de seus novos vizinhos. Não era ruim o suficiente que a maior parte da colheita de feno tivesse sido arruinada por excesso de chuva ou que o valor do gado estivesse caindo depois de um surto de uma bactéria? Às vezes não valia a pena ser um rancheiro. Ele ficava se perguntando o porquê de ele não ter se profissionalizado em algo que pagasse melhor, como encanador. Era loucura viver de um rancho, mesmo que ele pertencesse à família há três gerações.

Ele jogou o chapéu sobre o sofá e se sentou em sua grande poltrona reclinável para assistir as notícias. Havia uma reportagem sobre a elevação da taxa de crime juvenil e a falta de castigo adequado na vara de infância e adolescência. Ele deu um riso sem alegria. O mesmo e já velho tema, e agora ele sabia mais sobre crimes juvenis do que a maioria das pessoas. Ele pôs os oito cadeados de combinação de volta no portão da fazenda, entre seu pasto e o acampamento de verão, e conversou com seu amigo no departamento de polícia sobre trabalhar duas noites por semana por fora.

Ele se permitiu um momento para ponderar sobre o futuro do transgressor se ele deixasse o portão aberto do outro lado do acampamento de verão, nas terras de Cy Parks. Luke não era difícil de se levar, apesar de seu temperamento. Cy Parks era tão mal-humorado que os meninos de entrega tinham que recebem em dobro para fazer entregas na casa dele. Luke tinha pensado em conversar com ele sobre o acampamento de verão, porque seria melhor avisar. Mas decidiu o contrário. Cy tinha se mudado há pouco para Jacobsville e não tinha feito nenhuma tentativa em conhecer as pessoas locais. Rumores diziam que ele tinha sido queimado em sua fazenda em Wyoming e quase não tinha escapado com vida.

Ele tinha comprado as terras do velho Sanders em Verde Creek e estava criando um rebanho bovino Santa Gertrudis puro-sangue. Se Kells se metesse com um daqueles caros jovens touros, não havia como saber o que Cy faria. Luke, é claro, era um homem bondoso. Nesse caso, ele teve que recorrer a medidas desesperadas para proteger seu gado. Então ele planejou contratar um vigilante.

Sua propriedade tinha uma pequena cabana próxima à cerca que Luke tinha equipado com fogão, geladeira, cadeiras, uma mesa e uma cama para os homens quando eles estivessem trabalhando para reunir o gado. Eram poucos quilômetros até o rancho propriamente dito, e ele não tinha um vagão de provisões para essa época do ano, então a

cabana era grande e auto-suficiente. Havia uma cozinha, então os homens podiam cozinhar sozinhos, e a pequena construção tinha até um telefone. Luke tinha fornecido segurança aos seus homens através de um par de binóculos especial com infravermelho, de forma que eles pudessem ter visão noturna. Ele não iria perder mais gado por causa de portões abertos. Não importava o que isso custasse.

Na manhã seguinte, no dia em que ele iria instalar o homem da segurança na cabine, ele montou para o pasto e achou o portão fechado. Mas os bois não estavam sozinhos lá. Um garoto negro, alto e desengonçado estava observando um dos bois.

Luke deu uma esporada em sua montaria, algo que raramente fazia, e saiu em uma explosão de velocidade e empinou o cavalo na frente do menino que andou para trás com olhos arregalados e mãos levantadas.

"Tire essa coisa de perto de mim!", o menino gritou. "Não deixe ele me dar um coice!".

O medo no rosto do garoto foi uma surpresa. Luke se ajeitou no cavalo e se sentou tranquilamente, inclinando-se ligeiramente para frente na sela para estudar o jovem nervoso no chão.

"Que diabos você está fazendo no meu pasto?", Luke exigiu saber em um tom frio.

"Olhando... procurando pelos chips de computador", Kells gaguejou.

Era a última coisa que Luke esperava ouvir. Ele ficou hesitante, sua mente trabalhando furiosamente.

Ele não estava ciente do grito de Belinda ou sua corrida impetuosa passando por cima do portão fechado, tão frenética que quase tinha feito um buraco na calça jeans de corte elegante e arranhado as botas.

"Está tudo bem!", Belinda gritou, arfando enquanto se juntava a Kells, movendo-se para frente dele. "Ele não estava fazendo nada demais com o gado!".

"Bois", Kells corrigiu, sentindo-se um pouco satisfeito consigo mesmo.

Luke olhou para ele com novo interesse. "Você sabe algo sobre gado?", ele perguntou inesperadamente.

"Ela estava me ensinando", ele respondeu, movendo a cabeça na direção da pequena mulher à frente dele. "Sobre a diferença. Sabe, entre bois, bezerros e tal. E sobre os chips de computador embaixo do couro".

A expressão hostil de Luke esmoreceu e se transformou em curiosidade. "Ela te disse sobre isto?".

Ele concordou com a cabeça. "Eu queria ver os chips. Eu não iria machucar eles", ele acrescentou com hostilidade fraca.

Luke riu baixinho. Ele saiu abruptamente para a direção onde os bois estavam reunidos próximos à cerca, tirando uma corda do chifre da sela. Ele fez um laço e lançou a corda laçando um dos bois com graça e facilidade, o resultado de longos anos de prática, e desceu da sela para pegar a corda apertada. Ele fez um sinal para Kells.

"Isso foi maneiro!", Kells exclamou. "Muito legal! Como que você aprendeu a fazer isto, girar e laçar aquele touro... quer dizer boi... tão fácil?".

Luke riu amplamente. "Muita prática e algumas contusões", ele murmurou. Ele estava acariciando as orelhas do boi, e o animal estava muito quieto e com olhar contente. "Venha, ele não é perigoso. Eu tenho apenas gado sem chifre aqui".

"Sem chifre?", Kells perguntou curioso.

"Descorna", o homem mais velho disse o nome específico. Ele procurou atrás do pescoço do boi e sentiu um pequeno monte. Ele achou "aqui". Ele pegou a mão escura de Kells e a deslizou em cima do lugar. "É um chip de computador. Eu resisti à tecnologia por anos, mas ele faz a reunião do gado tão mais fácil que eu finalmente cedi. Nós podemos manter a história inteira do animal em um chip e ter as informações em segundos com um scanner quando classificarmos os animais para a venda".

"Eu não achava que rancheiros usavam isto nos bois", Belinda comentou.

"Oh, nós normalmente não fazemos", ele concordou. "Mas este lote é uma experiência". Ele se deslocou um pouco conscientemente. "Eu tenho lido sobre alguns novos métodos que a nossa associação de pecuários local está usando. Vasectomia é uma".

"O que é isto?", Kells perguntou.

"Normalmente, cria-se um boi removendo o que o faz ser capaz de se reproduzir. Mas fazendo uma vasectomia no boi", ele explicou, "o animal ainda produz testosterona, o que nós achamos que o faz crescer rápido. Mas já que o boi é efetivamente castrado, tende a ser mais fácil de se lidar. Consegue-se um ganho de peso igual aos dos touros, mas com a carcaça magra de um boi".

"Não é caro produzir desse modo?", Belinda perguntou.

Ele sorriu. "Para falar a verdade não. Leva o mesmo tempo, e nós fazemos isto sozinho ao invés de chamarmos o veterinário. Mas ainda que levasse mais tempo, achamos que os benefícios excedem os custos. É por isso que estamos fazendo a experiência. Já que os animais ganham peso sem o uso de hormônios do crescimento, poupamos dinheiro aí, também".

"Meu irmão diz que muitos consumidores estão ficando assustados com esse aditivos, como hormônios do crescimento e antibióticos", Belinda concordou.

"Há, definitivamente, um mercado para carne de boi organicamente crescido, e pelo menos um pecuário que eu conheço está oferecendo a carne de seu boi para redes de supermercados", ele acrescentou. Ele notou o toque leve e fascinado de Kells no ombro do animal.

"Não é difícil matar eles?", Kells perguntou inesperadamente.

"Sim", Luke respondeu também inesperadamente. "Eu estou nos negócios de gado porque gosto de animais, então sou afeiçoado a eles. Todos têm personalidades. Todos são diferentes uns dos outros. Tento não ficar muito perto do gado de corte, mas tenho um touro de uma tonelada e meia que fica me seguindo como um cachorrinho de estimação, e duas vacas leiteiras Holstein que acham que são gatos".

Kells riu. "Sério? O que é um Holstein?".

"Eles são gado leiteiro... Olhe aqui, você está realmente interessado em gado?".

Kells encolheu os ombros e baixou o olhar para o boi. "Nunca tinha visto gado antes", ele murmurou.

Ele olhou timidamente para Luke e então olhou para longe novamente. "Eu gosto deles. Não tinha a intenção de deixar eles soltos. Eu queria ver de perto, sabe. E depois que ela me falou sobre os chips de computador...", ele fez uma careta. "Eu quis ver como era".

Luke franziu os lábios, ciente da quietude de Belinda. "Quer vir ver os Holsteins?", ele perguntou.

Kells prendeu a respiração. "Tá brincando?"

Luke agitou a cabeça. "Não há nada que um pecuário goste mais do que se exibir com sua criação".

Ele quase deu uma gargalhada com a expressão no rosto de Belinda.

Kells estava fascinado. "Será que eu poderia ver um touro?"

Luke riu. "Claro. Por que não?"

"Você não fica assustado com aquela coisa?", Kells persistiu, recuando de perto do grande cavalo branco com manchas pretas.

"É gentil — uma égua", Luke explicou. Ele fez uma carranca. "Por que você tem medo de cavalos?"

"Eu vivi em Nova Iorque até este ano", ele murmurou. "Um policial em um cavalo tentou me parar. Ele se empinou e disse para que eu não me movesse, se não o cavalo iria me dar uma patada".

Luke sabiamente não perguntou o quê Kells tinha feito para provocar o homem. Mas, fazer isso com um menino, por qualquer razão, era repreensível. "Você devia ter dito para alguém no comando", ele disse seco.

Kells encolheu os ombros. "Ninguém nunca tinha feito nada por mim até que a minha mãe se mudou para Houston há alguns meses e eu tive problemas por ter pegado um CD player de uma loja. Ela" — ele indicou Belinda — "foi me ajudar e conseguiu que o dono da loja não fizesse uma queixa. Mas eu fui mandado ao reju de qualquer maneira, porque eu tinha dezesseis anos".

"Reju?"

"Reformatório juvenil", Belinda disse a ele. "Os tribunais são mais severos com os jovens atualmente, porque há muita violência dentro da cidade".

"Entendo". Ele não entendia. Ele estudou Kells, que estava assistindo o gado com tal fascínio que estava atraído pelo menino. Todos os seus preconceitos sobre "mimados delinquentes juvenis" que ele tinha estavam se esvaindo em fumaça. Era fácil ser intolerante quando você não conhecia as pessoas com as quais era intolerante. Kells estava mostrando a ele tons de cinza, onde antes ele apenas tinha conhecido branco e preto.

"Quando você quer que eu traga os garotos?", Belinda perguntou a ele.

"Por que deixar para amanhã quando se pode fazer hoje?", ele disse. "Junte-os e vamos. Saiba como achar o lugar?"

"Sim, eu vi da estrada", ela respondeu. E sorriu com gratidão genuína.

"Obrigada".

Ele encolheu os ombros. "Estou apenas sendo sociável". Ele tomou o laço do pescoço do boi e enrolou a corda, com Kells assistindo cada movimento. O jovem tinha mente rápida e dedos ágeis.

De repente ele teve uma idéia que poderia ser boa.

Havia seis crianças dos guetos de Houston no grupo de Belinda, com idades de nove a quatorze anos. Kells era o mais velho. O mais jovem era Julio, um menino mexicano. Dois eram brancos e um dos outros era negro, como Kells. O menino mediano, Juanito, era

nativo americano, apesar de que ele não dizia de qual tribo. Ele não falava muito sobre si mesmo. De fato, ele não falava muito, sobre qualquer coisa. Ele estava vivendo com um tio e uma tia que não pareciam notar o que ele fazia, ou se importar. Era a mesma história com a maior parte dos garotos. É por isso que eles paravam em juizados e centros de detenção juvenil. Eles se importavam tão pouco com eles mesmos quanto os adultos ao redor. Era importante para Belinda que alguém se importasse com eles, construíssem sua auto-estima, fizesse com que eles se sentissem orgulhosos de suas raças e de suas histórias. Ela não se iludia achando que poderia mudar o mundo. Mas talvez ela pudesse mudar uma pessoa.

Ela dirigiu os meninos para o rancho de Luke no pequeno furgão velho que ela tinha comprado para a ocasião. Estava com a mecânica boa, ainda que parecesse o lado escuro da lua. Ela tinha pensado em pintá-lo, mas parecia um desperdício de tempo e dinheiro.

Enquanto ela alcançava o final da longa e sinuosa estrada que dava em uma estrada pavimentada, ela notou que Luke estava esperando por eles. A casa era boa, grande, branca e amigável com uma longa varanda. Havia um estábulo e curral atrás, longe do jardim florido que a irmã de Luke tinha mantido até seu casamento, e havia vários cercados com pastos acompanhando a estrada principal.

Belinda saiu do furgão velho e danificado e abriu a porta lateral para que os meninos pudessem sair com ela. "Lembrem-se de não ficar empoleirando nas cercas, certo?", ela os acautelou. "Touros são perigosos e impossíveis de se predizer. Se vocês já assistiram a um rodeio, pessoalmente ou na televisão, devem saber disto".

"O Sr. Craig disse que o touro dele fica atrás dele", Kells a lembrou.

"Sim, ele faz. Mas o touro conhece o Sr. Craig, não é?", ela respondeu.

Kells riu. "Sim, é mesmo".

Luke desceu os degraus para se encontrar com eles, saudou os meninos, e os levou em direção ao celeiro.

"Este rancho tem estado na minha família há três gerações", ele começou. "Meu avô começado com gado Longhorn e eu tenho Herefords. A maioria dos rancheiros tem uma raça preferida. "Cy Parks, que vive para lá" — ele apontou além do espaço que o acampamento de verão ocupava — cria Santa Gertrudis puro-sangue. Um de seus touros custa um milhão de dólares".

Os olhos de Kells se arregalaram então seu rosto desanimou. "Nossa, eu acho que tem que ser rico para ter gado, né?".

Luke sorriu para ele. "Para falar a verdade não. Você pode começar com um touro jovem e algumas bezerras e construir um rancho mediano. Não é tão caro quanto você pensa".

A luz voltou aos olhos do jovem. Ele olhou além de Luke para o grande touro Hereford no pasto junto ao celeiro e sua respiração prendeu. "Oh, Deus, que animal!".

Luke desatou a rir. "Eu era igualzinho a você na sua idade", ele explicou quando todo mundo olhou para ele. "Eu achei que não havia nada na Terra tão bonito quanto um touro".

"Não há", Kells concordou. Ele subiu no degrau da parte inferior da cerca de madeira alta e envolveu os braços em torno da parte superior. "Ele não é enorme?".

"O nome dele é Shiloh", Luke disse a ele. "Eu o criei desde um bebê e agora ele é mencionado em quase todos os jornais importantes de gado como um importante touro reprodutor. Eu não consigo acompanhar a demanda por sua descendência. Há até uma lista de espera".

"Você tem algum búfalo?", um dos meninos perguntou.

Luke agitou a cabeça. "Eu conheço um rancho ou dois que têm alguns, mas eles são perigosos para se criar. Eles se enfurecem com as mínimas coisas e facilmente arrebitam uma cerca".

"Eles têm búfalo lá em Yellowstone", Juanito disse. "Eu vi um rebanho inteiro quando meu tio nos levou pelo parque".

"Eu nunca vi um búfalo", outro menino murmurou.

Belinda sorriu para seus tutorados. "Todos os estados dos sul costumavam ter rebanhos deles, antes dos brancos virem e os matarem".

"Por que eles fizeram isto?", um deles quis saber.

"Cobiça", Luke disse sem ênfase. "Pura e simplesmente, cobiça. Eles queriam o dinheiro que as pessoas do leste e do exterior estavam dispostas a pagar pelas peles dos búfalos. E, também, havia muito dinheiro nas festas de tiros aos bois nas planícies de forma que eles podiam matar centenas de búfalo por esporte e deixá-los mortos sob o sol".

Belinda olhou fixamente para ele curiosamente e então sorriu. Eles eram espíritos próximos. Ela também odiava a perda dos búfalos. Ele olhou para ela enquanto os meninos murmuravam uns para os outros sobre o tamanho do touro grande no pasto cercado. Ela tinha um rosto bonito, ele pensou, e um grande coração junto com ele. Ele já gostava dela. Ele sorriu devagar e ficou surpreso e encantado em ver o rubor no rosto dela.

Ela teve que tirar os olhos dele. Aquele olhar tinha indo fundo nela. Ao longo dos anos ela teve bastantes namorados, mas tinham sido apenas casuais. Ou tinham sido até Russell, que tinha dado a ela um anel de compromisso e jurado a ela seu amor, e então tinha ido embora com a melhor amiga dela. Isso tinha sido há longos quatro anos. E ela não tinha olhado para outro homem desde então.

"O que foi?", Luke perguntou sensivelmente.

Ela prendeu a respiração. "Errado? Nada. Por que...?".

"Você estava pensando em algo e parecia ruim. O que foi?".

Ela se virou. "Eu estava comprometida. E ele fugiu com a minha melhor amiga".

"Ah, sim". Ele a estudou cuidadosamente. "Por isso que você não é casada. Não houve nenhuma vontade de tentar novamente, eu creio".

"Nenhuma mesmo".

"Junte-se ao clube".

Ela deu uma olhada rápida para o perfil dele. "Você, também?", ela perguntou suavemente.

Ele concordou com a cabeça, aos arrancos. "Eu também. Ela tinha prometido ser verdadeira, mas no minuto em que eu saí a negócios, ela estava entretendo um antigo namorado no motel local". Ele riu friamente. "Você não pode fazer esse tipo de coisa em uma cidade pequena como esta e não haver fofocas. Duas pessoas me contaram assim que eu saí do avião".

"É o mundo em que vivemos", ela disse tranquilamente. "Fidelidade não parece significar muita coisa".

Ele girou para enfrentá-la. "Quer dizer muito para mim", ele disse categoricamente. "Eu sou um homem antiquado. Quando eu dou minha palavra, mantenho".

Ela fez uma careta. "Eu também". Ela passou os dedos cuidadosamente sobre a cerca de madeira. "Ele me disse que eu era um dinossauro".

Uma sobranceira dele lentamente se ergueu.

"Eu não ia para a cama com ele porque nós não éramos casados", ela disse simplesmente. "Então ele achou alguém que iria". Ela encolheu os ombros. "Eu não posso culpá-lo, realmente. Eu quero dizer, todas as mulheres fazem isto".

"Nem todas", ele disse friamente. "Virtude é tão rara esses dias que é inestimável".

"Mostre-me algum homem virtuoso", ela ousou.

"Isso vai ser difícil", ele concordou, "embora não seja impossível. Eu conheci um homem ou dois que se sentiam do mesmo modo que você. Também, homens não podem engravidar, não é? As mulheres dão a luz, fazem a população. Eu acredito que quando há crianças envolvidas, deve haver apenas um homem, e não outros".

Ela olhou fixamente para ele. "Você é um dinossauro, também".

"Você tem um dinossauro?", um dos meninos que estava escutando, perguntou.

"Não seja estúpido", outro menino respondeu, "não existe tal coisa!".

"Eu li que os dinossauros foram transformados em pássaros", outro aventurou.

Juanito riu amplamente pela primeira vez. "Meu avô costumava dizer que ele podia se transformar em um pássaro quando queria. E minha mãe disse que não ficava espantada por ele comer como um".

Todo mundo riu, mas amavelmente.

Quebrou o gelo. Luke mostrou o lugar aos meninos, e eles gostaram de suas maneiras fáceis, amigáveis. Ele os levou pelo celeiro, onde ele tinha dois bezerros sendo tratado com coronavírus e uma bezerra com picada de cobra.

"Eles estão melhorando", ele disse, vendo os meninos olhando fixamente para os animais. "Eles estarão no pasto em um ou dois dias. Há três bezerros aqui, mas nós perdemos um deles ontem".

"O que é coronavírus?", Kells perguntou.

"É uma doença que os bezerros pegam que faz com que eles não consigam manter nada no estômago", ele respondeu. "Eles morrem se não forem tratados. O veterinário tem dado remédio a eles para isto. Normalmente funciona. Às vezes, não, não importa o quanto você tente".

"Eu acho que você tem que usar um cavalo para trabalhar com gado", Kells continuou.

"Acho que sim. Embora", ele acrescentou com uma risada, "eu conheça um homem que usava um quadriciclo para fazer isto".

"Uma daquelas coisas de quatro rodas como um grande cortador de grama?".

"Isso mesmo. Ele bateu em um toco inesperadamente e foi de ponta-cabeça, direito na laguna. Eu ouvi dizer que ele deu o veículo para o sobrinho no dia seguinte e voltou a usar

cavalos". Ele viu a pergunta nos olhos de Kells antes que ele pudesse perguntar e acrescentou, "uma laguna é onde se jogam os restos dos animais".

Kells se dobrou de rir. "Não foi à toa que ele doou a coisa!", ele suspirou. "Eu acho que podia aprender a gostar de cavalos".

"Claro que pode", Luke o assegurou. "Um cavalo bem treinado fará o que você disser, embora eu já tenha visto alguns cavalos ruins. De fato, um vizinho meu tem um cavalo de vinte anos de idade que matou um homem em uma arena e estava a ponto de ser morto. Ele o salvou".

"Deve ser um bom homem".

Ele agitou a cabeça. "Sem chance. Ele é como uma cascavel, enrolada e esperando que alguém fique a pouca distância". Ele riu. "A maioria das pessoas passa bem longe dele".

"Nós podemos voltar lá para fora e olhar o touro?", Kells perguntou.

"Claro, vão em frente".

Eles saíram quase ao mesmo tempo, deixando Luke e Belinda juntos no portão de aço que continha os bezerros em suas baias.

Ele deu uma olhada rápida para Belinda. "A propósito estava falando do vizinho do outro lado do seu acampamento. É melhor que você tenha certeza de que ninguém fará transgressões nas terras dele. Eu sou um homem razoável. Ele não é".

"Eu me lembrarei", ela prometeu.

Ele a observava abertamente, os olhos azuis estreitos e pensativos parados em seu rosto oval suave. "Você gosta de seu trabalho?".

"Eu gosto de crianças", ela disse. "Especialmente aquelas que precisam de algo que a sociedade não está dando a elas". Ela virou a cabeça na direção dos meninos. "Não há nadinha errado com eles que não possa ser consertado com um pouco de amor e atenção. Eles apenas querem que alguém se importe com eles, e eles acharão caminhos nada ortodoxos para conseguir isso".

"Kells disse que roubou um CD player".

Ela concordou com a cabeça. "Mas não porque ele o queria", ela murmurou. "O namorado da mãe dele tinha batido nele naquela manhã. Ele estava se vingando dela, por ela o expor a esse tipo de tratamento". Ela encolheu os ombros. "O namorado é a razão de ele estar aqui. Ele foi mandado para a mãe, mas ele não o quis. Nem o pai dele o quis".

"Que vergonha".

Ela anuiu com a cabeça. "A idéia de um namorado sobre disciplina é um soco no queixo. Eu estive no escritório do representante do distrito examinando, a mãe do Kells não disse uma palavra em defesa dele. De fato, ela disse ao investigador que ele tinha pedido para apanhar por ser fresco".

"Ninguém pede para apanhar". Ele disse isso com tal ferocidade que ela se virou e olhou para ele. Seu rosto estava duro, marcado com linhas de dor. Ela teve um forte desejo de esticar o braço e tocá-lo, fazer as linhas relaxarem. Ela se lembrava muito bem do que ele tinha dito a ela sobre o pai, sobre as surras. Deveria ter sido pior, assistir a mãe sofrer esse tipo de abuso e não conseguir parar. Era uma história tristemente familiar no ambiente dela. Ela pensou que muitas mulheres com as quais tinha conhecido no trabalho tinham sido vítimas de maridos abusivos.

Havia várias mulheres que toleravam o abuso por causa do medo, uma espécie de medo que estranhos nunca poderiam entender. Belinda tentava explicar que tudo mudaria quando a mulher saísse de casa. Raramente dava certo até que uma surra a levasse ao hospital, ou até que às vezes o homem ferido matasse uma das crianças.

"O que você está remoendo?", Luke perguntou abruptamente.

Ela sorriu tristemente. "Penso nas mulheres que não aceitam ajuda, achando que estão em melhor situação onde estão. Eu estava pensando no porquê de elas não largarem os homens que as machuca".

"Porque elas têm medo", Luke respondeu seco. "Todos dizem: apenas saia e você ficará bem".

Ele riu amargamente. "Uma vez, depois que a polícia tinha ido embora, meu pai segurou uma faca de açougueiro na garganta da minha mãe por dez minutos e descreveu a ela, detalhadamente, o que ele faria a minha irmã, Elysia, caso ela chamasse a polícia novamente".

"Oh meu Deus", ela prendeu a respiração.

"E ele estava falando sério", ele acrescentou. "Ele disse que não teria nada a perder se eles de qualquer maneira o colocassem em uma prisão".

Ela esticou a mão e tocou as costas da mão dele, apenas ligeiramente. "Eu sinto muito por você ter passado por isto".

Ele girou a mão e pegou os dedos dela nos dele, firmemente. "Por que você se tornou uma defensora pública?".

Ela sorriu com remorso. "Minha melhor amiga foi estuprada pelo padrasto, e o defensor público do caso dela tinha uma carga de trabalho tão pesada que fez um acordo para poder tirá-lo de sua lista de processos. Ela ficou devastada quando o padrasto não foi preso. Ela não podia voltar para casa porque a mãe acreditava que ela tinha se oferecido".

Ela agitou a cabeça tristemente. "Eu decidi então que queria fazer alguma diferença no mundo. Eu estudei direito e aqui estou, apesar das indiretas do meu irmão de que estava desperdiçando meu tempo".

Ele riu. "Eu me lembro do seu irmão muito bem", ele meditou. "Ele era o homem de negócios mais implacável que eu já conheci".

"Sim, ele era. A esposa o mudou", ela acrescentou. "Ele deixou de ter coração de pedra. Agora, ele é meu maior fã".

Os olhos azuis dele encontraram os dela e ele sorriu devagar. "Talvez, mas ele não é o único". Ele se debruçou deliberadamente para mais perto, pausando com os lábios apenas poucos centímetros longe dos dela. "Eu gosto de você, também, Senhorita Defensora Pública". E então ele a beijou.

Capítulo 3

Ele queria que fosse curto, um beijo de provocação. Mas não foi assim. O toque daquela boca suave debaixo dele era explosivo. Ele prendeu a respiração e ergueu a cabeça

apenas o suficiente para ver o choque mútuo e prazer nos olhos da Belinda antes de ele se curvar novamente.

Desta vez, não foi curto, ou particularmente gentil. Ele a ergueu completamente contra o comprimento do corpo alto e musculoso dele e a beijou até que teve que parar para respirar. Ele observou os olhos atordoados dela tranquilamente, com curiosidade, respirando com dificuldade.

"Você deveria... me... descer", ela sussurrou.

"Você está certa?", ele murmurou enquanto observava o rosto dela.

"Sim. Os meninos..."

Ele a botou de volta no chão, virando o olhar na direção da porta do celeiro. Os garotos não estavam visíveis. "Ninguém viu", ele disse. Ele tocou os lábios inchados dela com o dedo indicador. "Eu podia me acostumar a isto", ele acrescentou. "Que tal você?"

Ela engoliu em seco e tragou novamente. Ela tinha que cortar o contato com ele para que sua mente voltasse a trabalhar. "Estou aqui apenas para as minhas férias de verão", ela conseguiu dizer em uma voz que não soava como sua própria.

Ele sorriu devagar. "Houston não é tão longe".

Ela não sabia o que dizer. Ela tinha sido tomada por sentimentos que tinha suprimido, guardado e esquecido. Seu corpo parecia um botão de rosa sujeito a chuva, sol e vento, florescendo e erguendo-se em busca dos elementos da natureza. Ele era muito atraente e tinha qualidades que ela amava.

Mas era tão rápido; tão cedo.

"Eu estou sendo rápido com você", ele meditou, vendo a incerteza e confusão nos olhos dela. "Não fique tão tensa. Eu não vou te pressionar. Mas estou interessado. Você, não?"

Ela ficou um tempo tentando respirar. Ela baixou os olhos para a camisa dele. "Sim".

Ele sorriu amplamente. Seu coração parecia mais leve do que há anos. Ele entrelaçou os dedos nos dela e a levou em direção à entrada do celeiro. "Vamos. Eu te mostrarei meus cavalos".

Belinda foi junto, calada. Ela não conseguia acreditar que ele tinha feito isto, ao ar livre, em plena luz do dia. Tinha sido um beijo apaixonado, delirantemente excitante, cheio de desejo. O contato morno, firme, a tinha deixado confusa e quieta.

Ele tinha vários cavalos, todos Appaloosas. Ele explicou sobre as manchas e os chamou pelos nomes.

"Sou louco por eles", ele observou. "Eu pertenço a um clube Appaloosa e nós conversamos na internet sobre nossa paixão. Essa é uma raça especial".

"Todo mundo diz isso sobre a raça que mais gosta", ela disse com um sorriso e rindo.

"Mas eu posso ver por que você gosta dos Apps. Eles realmente são bonitos".

"Cy Parks tem Árabes", ele disse a ela. "Um rebanho pequeno, com um garanhão antepassado glorioso. Ele é branco puro, como a areia da praia do Golfo do México. Eu acho que ele costumava correr com eles, antes de se mudar para cá".

"Ele é realmente tão difícil?"

"Sim, ele é", ele disse abruptamente. "Mantêm sua ninhada bem guardada no rancho. Ele não tolera crianças", ele acrescentou sem mencionar o por que.

Ela deu um assobio suave. "Obrigada pela advertência", ela disse. "Eu comecei este acampamento porque queria fazer uma diferença para estes meninos, se eles pudessem ver outro tipo de vida além da que têm dentro da cidade. Ainda não tinha parado para pensar nas armadilhas potenciais... Bom, estou encorajada pelo interesse do Kells em administrar uma fazenda. Ele não parecia o tipo de adolescente que se apaixonaria por gado muito depressa, mas ele é verdadeiro sobre isto. Dará a ele uma direção a tomar".

"Eu tenho uma idéia quanto a isto". Luke confiou. "Eu achei que poderia pedir a ele para ficar no rancho para aprender sobre nós enquanto você leva os outros de volta para o acampamento. Então se ele decidir voltar aqui para trabalhar depois da graduação, eu o contratarei".

Ela prendeu a respiração. "Você faria isso por ele?".

"Por mim, também", ele disse. "Ele aprende rápido e gosta do negócio. Um vaqueiro assim seria uma boa ajuda em qualquer lugar. Se eu o treinar, poderei contratá-lo quando terminar os estudos".

"Ele ficará no sétimo céu".

"Não diga a ele até que nós tenhamos os detalhes arranjados", ele disse com cautela. "Eu não quero que ele construa um castelo que depois desmorone".

"Eu não direi uma palavra". Ela observou o rosto dele. "Você é bom com crianças".

"Eu aprendi com a menina da Elysia", ele disse a ela com um sorriso. "Eu a levei ao cinema, parques e festas. O pai dela faz essas coisas agora. Eu sinto falta dela desde que Elysia se casou".

Ela estudou os Appaloosas. "Você devia se casar e ter seus próprios filhos".

"Sabe, eu acabei de perceber isto".

Ela não ousou olhar para ele. Seu coração estava batendo loucamente no peito.

Ele deu as costas para o pasto dos cavalos e a levou junto com ele. "Seria melhor nós voltarmos para os meninos e ter certeza de que eles não estejam tentando montar naquele touro velho", ele murmurou secamente. "Ainda me lembro de como eu era quando criança".

"Como seu pai vivia?".

"Meu avô o sustentava", ele respondeu. "Ele tinha este rancho. Meu pai trabalhava para ele, quando estava sóbrio o suficiente, e meu avô nos protegeu enquanto estava vivo. Quando ele morreu, tudo mudou".

"Mas você conseguiu se manter no rancho".

"Eu tive ajuda", ele disse. "Vizinhos, amigos, parentes... Todo mundo fez o que podia por nós, apesar de meu pai. É por isso que eu ainda estou aqui", ele acrescentou sério.

"Jacobsville é o tipo de lugar onde você não é um morador, é parte de uma família. As pessoas sabem da sua vida, mas se importam com você, também. Eu não poderia pensar em nenhum outro lugar para viver".

"Eu posso entender o porquê", ela murmurou. A mão dela dentro da dele era pequena e vulnerável. Ela se sentia pequena. Ele era bem mais alto do que ela, e ela gostava muito dele. Demais. Não era possível sentir algo tão forte por alguém que se havia conhecido há pouco tempo, mas ela parecia se ajustar à vida dele como se ela fosse condicionada a isto.

Ele deu uma olhada rápida para ela abaixo dele com um sorriso morno. Ela era bonita, cheia de vida e realmente se importava com os meninos. Ele a via com seus próprios filhos. Ela seria como uma leoa se suas crianças fossem ameaçadas. Ele se viu pensando em ter o próprio filho. Ele amava as duas crianças de Elysia, mas ele tinha que começar a pensar sobre o futuro, sobre seus próprios filhos para herdarem este lugar quando ele tivesse ido embora. Realmente não o surpreendeu pensar em Belinda sob uma nova luz. Ela tinha uma família ligada à administração de uma fazenda e um coração suave. Ele já tinha esgotado sua cota de mulheres que queriam apenas um tempo agradável e nada sério. Ele era velho o suficiente para começar a procurar por uma mulher séria.

Os meninos deixaram o rancho no final da tarde com Belinda, depois de uma longa excursão no rancho a cavalo que os tinham deixado doloridos, mas felizes.

"Eles se sentirão desconfortáveis amanhã", Luke riu enquanto falava com Belinda indo ao furgão. "Eles usaram músculos que nem sabiam que tinham naquele passeio de trilha. Kells agiu como um profissional, você notou? Para um menino que tinha medo de cavalos, ele percorreu um longo caminho em pouco tempo".

"Você é incrível com ele", ela disse. "Eu não conseguia alcançá-lo, sabia? Ele era brusco e pouco comunicativo até que eu comecei a falar com ele sobre gado. Eu achei a porta e você achou a chave. Ele é diferente".

"Ele é focado", ele disse a ela, olhando na direção do furgão onde os meninos estavam conversando animadamente do lado de dentro. "Eles não são crianças ruins", ele disse de repente, como se o pensamento o tivesse surpreendido.

Ela sorriu. "Não, eles não são", ela respondeu. "O mundo está cheio deles. Pessoas jovens se casam e em dois anos percebem que cometeram um engano, mas eles têm uma criança. Divorçam-se, casam-se novamente e as crianças acabam em uma família onde elas são estranhas. Às vezes elas não são nem queridas. É pior em bairros pobres, claro".

Ela moveu a cabeça em direção ao furgão. "Kells podia escrever um livro sobre isto. Ele disse que a maioria das crianças em seu bairro em Nova Iorque é querida pela lei ou pelos vendedores de drogas. Ele achou que acabaria do mesmo modo". Ela suspirou, os olhos vendo longe. "Quando as pessoas vivem em uma pobreza desesperadora, com uma auto-imagem pobre e nenhum modo de sair, eles desistem. É por isso que eles recorrem ao álcool e as drogas, porque eles aliviam a dor, apenas por pouco tempo. Mas em breve, eles ficam presos e não podem sair, e acabam fazendo qualquer coisa para sentir a mesma sensação novamente, para que se esqueçam de onde vivem e o que se tornaram".

Ela agitou a cabeça. "Ocorre-me às vezes que uma pequena porcentagem das pessoas não é feita para viver em uma sociedade industrial, movida pelo dinheiro e presa ao relógio. Estas mesmas pessoas, colocadas na terra onde possam trabalhar em seu próprio passo, seriam felizes e úteis".

"Essa é uma nova teoria".

Ela agitou a cabeça. "Não é. Estou apenas citando Toffler". Ele pareceu perplexo e ela sorriu.

"Alvin Toffler..."

"De *O choque do futuro*?"

"Sim. O Sr. Toffler é um visionário e vê o interior das pessoas. Ele disse que algumas pessoas nunca se ajustarão à nossa cultura acelerada e acho que ele está certo".

"Eu gostaria de ouvir mais sobre isto". Ele franziu os lábios. "Será que você poderia sair uma noite para jantar?".

"Não tenho ninguém para ficar com os meninos", ela disse pesarosamente.

"Então eu terei que achar uma desculpa para tê-los aqui de novo, não é?", ele disse e sorriu amplamente para ela.

Ela riu. "Faça isto. Seria melhor eu levá-los de volta ao acampamento. Obrigada por me deixar trazê-los".

"Eu gostei", ele retornou.

"Eu também".

Ela voltou ao furgão e subiu com os meninos. Ela não pôde evitar olhar no espelho retrovisor enquanto eles tomavam o caminho de volta, na estrada pelo rancho sinuoso. Luke estava de pé no pátio com as mãos nos bolsos da calça jeans, seu chapéu de aba larga cobrindo o rosto. Ele parecia fazer parte da terra, e algo morno se inflamou dentro dela em apenas vê-lo.

Nos dias seguintes, Belinda achou bastante tempo para lamentar seu lapso de controle com Luke no celeiro. Ela quis evitar problemas e recusou totalmente o pedido dos meninos de fazerem outra visita ao rancho.

Ela não percebeu que sua recusa traria consequências sombrias. Kells deprimido, com pouco a fazer e tempo de sobra diante das mãos, quis tentar novamente laçar o gado.

Em uma tarde ensolarada, ele escapou dos outros. Achou uma velha e frouxa corda em um dos velhos prédios próximos ao acampamento e passou horas todos os dias praticando com ela, como tinha visto Luke fazer. Ele era um pouco competente, mas estava chateado em laçar o velho cavalete próximo à árvore de carvalho atrás do edifício. Ele se perguntou se conseguiria laçar um boi. A senhorita Jessup estava ocupada com os outros meninos, ensinando-os como usar seu laptop. Ele preferia gado a computadores, então enrolou a corda e se moveu furtivamente estrada abaixo em direção a um pasto totalmente coberto de gado vermelho.

Ele não tinha percebido que o gado de Luke ficava em apenas um lado sinuoso da estrada. Ele sabia que a maior parte do gado de Luke era Hereford, branco e vermelho. Mas este gado era vermelho, talvez eles fossem uma variação da mesma raça, ele decidiu. Eles certamente não eram bois, ele sabia só de olhar, eles tinham chifres. Eles seriam fáceis de laçar! Ele deslizou pela cerca de arame farpado furtivamente, entrou na linha de pequenas árvores no pasto verde, e recomeçou a atividades numa pequena subida onde um touro jovem vermelho estava pastando.

Era a hora perfeita para praticar o laço que ele estava aperfeiçoado, como Luke o tinha mostrado como fazer. Ele errou na primeira vez que tentou, mas o animal não foi embora. Permaneceu mastigando a grama e olhando fixamente para ele curiosamente. Ele enrolou a corda e pacientemente tentou novamente. Desta vez fez um arremesso perfeito, lançando acima dos chifres pequenos do touro jovem. Ele riu e deu um grito de alegria enquanto começava a puxar a corda com o touro.

Ele estava no momento mais feliz de sua vida, levando o touro jovem em torno do pasto e colina abaixo em direção ao portão quando ouviu um grito alto, seguido por uma detonação aterrorizante como o som de um rifle sendo disparado.

Ele parou como uma estátua, a corda na mão, e se girou para encontrar um homem alto, com aparência ameaçadora em um enorme cavalo branco sentado a apenas a alguns metros no cume segurando um rifle no ombro. Seu rosto não era visível debaixo do chapéu de aba larga, mas a ameaça em sua postura era imediatamente reconhecível para uma adolescente que já tinha se envolvido em brigas com gangues.

Kells soltou a corda e ergueu as mãos enquanto tinha tempo. "Eu estava apenas praticando com a corda, senhor", ele gritou. "Não há necessidade de atirar em mim!".

O homem não respondeu. Ele tinha um celular na mão agora e estava esmurrando números. Um minuto mais tarde ele falou e o fechou.

"Sente-se", uma voz áspera, profunda falou.

Kells não estava emocionado com a idéia de se sentar em um pasto onde poderia haver cascaféis rastejando, mas ele não queria levar um tiro. Ele se sentou. Este, ele pensou, era muito obviamente o proprietário de terras que Luke o tinha advertido, mas ele não tinha ouvido. Ele sabia com toda a certeza que iria desejar ter ouvido.

Belinda estava apenas começando a lavar os pratos do almoço e se perguntava por que Kells não tinha entrado para comer quando seu celular tocou. Ela o pegou e atendeu, e depois se sentou com força.

"Eles não tinham o seu número, então me ligaram", Luke disse a ela severamente. "Se você me der um minuto para organizar as coisas aqui, eu te pegarei e nós iremos para a delegacia juntos. Eu conheço estas pessoas melhor do que você".

"Quais as minhas chances de fazer o Sr. Parks desistir das acusações?", ela perguntou com resignação na voz.

"De pouca a nada", ele disse sem ênfase. "Se Cy Parks tivesse feito como sempre, provavelmente teria atirado nele. Acho que nós não conseguiremos tirar Cy disso, mas podemos tentar".

"Quanto tempo você levará para chegar aqui?", ela perguntou sem protestar contra a oferta de ele ir com ela.

"Vinte minutos".

Na verdade, ele fez em quinze. Estava vestido para trabalho com jaqueta de couro larga e calças para montaria e uma chaparreira por cima, botas velhas com esporas gastas, e uma camisa de cambraia de manga longa. Ele puxou o chapéu de aba larga o mais distante acima dos olhos e pôs Belinda na enorme caminhonete cabine dupla e a levou para a cidade.

"Não tenha a idéia de que o nosso departamento de polícia é louco para prender pessoas por pouca coisa", ele disse enquanto dirigia. "Cy vai deixá-lo preso por causa da lei, Kells estava invadindo, mas ninguém em sã consciência levaria uma acusação dessas seriamente. O que diabos ele iria fazer com o maldito touro?".

"Ele estava praticante como laçar, do modo como você o tinha ensinado", ela disse tristemente. "Eu suponho que ele tenha ficado cansado de laçar o cavalete e quis praticar com algo real".

"Ele me ouviu dizer que ficasse longe das terras do Parks!",

"Ele não deveria saber de qual lado eram as terras do Parks", ela respondeu. "Ele provavelmente não estava prestando atenção à cor dos animais. De qualquer maneira, os seus tem cores vermelhas e brancas e de Parks tem cores vermelhas, ele poderia ter pensado que alguns dos seus tinham cor pura".

"O que eu te digo é que isso está uma confusão danada", ele disse furiosamente.

"Pior do que você acha. Com os antecedentes, ele talvez não tenha a chance de ir para casa novamente. Eles vão querer devolvê-lo para o centro de detenções e mantê-lo lá".

"Maldição!".

Ela se sentia furiosa com Cy Parks por causa disto. Kells não devia ter entrado em sua propriedade, mas ele era uma criança, e ele não tinha feito por mal. Por que Parks tinha que seguir a lei ao pé da letra?

Pareceu uma eternidade até que Luke parasse na frente do bonito prédio de tijolo que continha a polícia, o corpo de bombeiros e a prisão da cidade.

"Aqui", ele indicou, segurando a porta aberta para Belinda.

O edifício tinha ar-condicionado e era muito limpo. Luke abriu a porta que tinha Polícia escrito nela, e a conduziu para o contador, atrás do qual uma recepcionista estava sentada.

"Nós estamos aqui para tratar da fiança do menino Kells", Luke disse.

"Ah, sim". O balconista respirou lentamente e olhou os documentos, agitando a cabeça. "O Sr. Parks estava furioso". Ela olhou para Luke. "Ele está ainda aqui, sabe, trazendo o inferno ao chefe".

Os olhos azuis de Luke viraram aço. "Ele está agora? Onde?".

A recepcionista hesitou. "Não, Luke..."

"Diga para mim, Sally".

"Ele está no escritório. Eu tenho que te anunciar".

"Eu me anunciarei", ele disse brevemente, e tomou a dianteira, deixando uma Belinda surpresa seguindo-o.

Esse era um lado de Luke que ela não tinha visto antes. Ele entrou no escritório do chefe Blake com apenas uma batida para se anunciar, e encontrou o chefe parecendo desconfortável enquanto um homem alto, magro, com olhos verdes-claros e cabelos negros olhava furiosamente para ele.

Cy Parks girou quando Luke entrou no escritório, o rosto magro mostrando, com um olhar de briga, que ele não era bem-vindo. "Eu não vou desistir das acusações", ele disse de uma vez, estreitando os olhos ameaçadoramente. "Eu não quero delinquentes juvenis acampados ao sul do meu pasto, e eu levarei todos os malditos moleques para a prisão se isso for necessário para mantê-los longe do meu gado!".

"Isso soa familiar", Belinda disse sob a respiração.

Luke não estava intimidado. Ele foi direito a Cy, quase no mesmo nível do olhar do homem, e empurrou o chapéu para trás, mostrando o cabelo loiro. "Eu ensinei o Kells a

manejar uma corda", ele disse furiosamente. "Ele é louco por laçar. Ele tem praticado com o meu gado, mas eles não têm chifres".

Cy não falou. Mas estava escutando.

"Ele é uma criança da cidade que foi presa por furtar um CD player. Ele não queria roubar, ele queria se vingar da mãe por ela tê-lo deixado ser surrado pelo padrasto".

A posição dura de Cy relaxou só um pouco.

Encorajado, Luke abriu caminho adiante. "Ele não é criança, se você continuar com as acusações, eles o trancarão para sempre. Ele nunca sairá do sistema judiciário. Ele se tornará um criminoso de carreira entre as condições da prisão, e eu perderei o peão mais jovem e promissor que já tinha aparecido no meu caminho".

Os olhos de Parks se estreitaram. "Ele gosta de gado?".

"Ele é obcecado com gado", Luke respondeu. "Ela já perguntou a Belinda tudo o que ela sabia e agora está atrás de mim. Ele tem uma afinidade natural com cavalos. Ele come, sonha e respira gado desde que aprendeu a diferença de uma raça para a outra".

A mandíbula de Parks se contraiu. "Eu não gosto de crianças ao meu redor".

Luke não piscou. Ele notou que Cy sempre mantinha a mão esquerda no bolso, e ele sabia o porquê. O homem odiava condolência; provavelmente fosse por causa disso que ele era mau. Para manter a maioria das pessoas longe. "Odiar crianças não vai trazer as suas de volta", Luke disse tranquilamente.

A face do outro homem se contorceu. Ele endureceu por um momento e parecia que iria dar um soco em Luke.

"Vá em frente", Luke convidou suavemente.

"Esmurre-me se sentir vontade. Eu te deixarei dar um soco de graça. Mas deixe a criança ir. A última coisa na Terra que ele iria fazer era dano aos touros. Ele ama gado".

O punho de Cy se moveu um pouco ao lado do corpo e relaxou. Ele moveu os ombros, como se eles estivessem rijos, e olhou fixamente para o outro homem. "Não mencione meu passado novamente", ele disse em um tom gelado. Ele olhou para o chefe de polícia. "Se eu desistir das denúncias, você o deixa ir?".

"Com uma advertência", o chefe Blake concordou.

Cy hesitou. Ele girou na direção de Belinda Jessup, que estava pálida e quieta, obviamente chateada. "Qual era a idéia por trás deste acampamento de verão?", ele perguntou secamente.

"Eu trouxe seis crianças da cidade para verem como seria a vida no interior", ela respondeu calmamente. "A maior parte deles nunca tinha visto uma vaca, um pasto ou uma cidade pequena. Eles cresceram na pobreza, com pais que realmente não os queriam, e tudo o que eles viram foram pessoas trabalhando quase até a morte por salários mínimos e homens vendendo drogas sem esforço andando em carros de luxo. Eu pensei, e desejei que isto pudesse fazer diferença". Ela juntou as mãos atrás, nas costas. "Estava fazendo uma diferença importante em Kells, até agora. Eu sinto muito. Eu deveria ter cuidado dele melhor. Ele passou dois dias praticando com a corda. Eu suponho que ele tenha pensado que estava no pasto do Luke quando laçou o touro".

"Há muita diferença entre uma Santa Gert puro-sangue e um daqueles malditos Herefords", Cy disse seco.

"Ei", Luke disse irritado, "não insulte meus Herefords!".

Eles se encararam novamente.

"Que tal o Kells?", Belinda inseriu antes que as coisas saíssem de controle.

"Deixe-o ir", Cy disse brevemente.

O chefe Blake sorriu um pouco. "Estou contente por você ter decidido isto", ele disse, se levantando. "Eu nunca pensei que laçar um touro fosse um crime de morte".

"Você não viu minha nova Santa Gert procriar", Cy devolveu.

Blake acabou de rir e foi para a parte de trás para soltar Kells.

Kells estava sóbrio e infeliz, parecia que o mundo tinha acabado. Ele fez careta quando viu Cy Parks lá de pé.

"Acho que vou voltar para Houston, agora, né?", ele perguntou a Belinda com olhos brilhando demais.

"Não, você não vai", Luke disse seco, encarando Cy. "Você vai para o alojamento nas minhas terras pelo resto do acampamento".

Kells parecia que tinha levado um soco. "Você está brincando, certo?".

"Não estou", Luke o assegurou. "Se você quiser laçar o gado, tem que estar ao redor deles. Além disso, nós precisamos conversar sobre o futuro. Seu futuro", ele acrescentou. "Vamos".

Kells hesitou. Ele virou para Cy Parks e mordeu o lábio enquanto procurava pelas palavras certas. "Olhe, eu sinto muito pelo que fiz, certo?", Ele perguntou indecisamente. "Eu sabia que aquele gado não era exatamente como o do Sr. Craig, mas eu achei que ele poderia ter mais alguns, e foi isso. Eu nunca quis machucá-los. Eu queria praticar em algo vivo. Não é nenhum desafio laçar algumas tábuas pregadas juntas".

Cy pareceu desconfortável. Ele fez um gesto estranho com a mão direita. "Certo. Não faça isto novamente".

"Eu não irei", Kells prometeu. "Os touros são certamente muito bonitos", ele acrescentou com um sorriso tímido, "aquela raça começou no rancho King ao sul do Texas, não foi?".

A mandíbula de Cy caiu um pouco. "Bem, sim".

"Foi o que achei", Kells disse orgulhosamente. Ele sorriu. "Eu saberei da próxima vez como diferenciar uma Santa Gertrudis de um Hereford".

Cy trocou um olhar denso com Luke. "Eu acho que você podia levá-lo para ver meu novo touro Santa Gertrudis", ele disse brincalhão. "Avise primeiro".

Luke e os outros ocupantes do quarto ficaram olhando boquiabertos para ele.

Cy encarou de volta. "Vocês todos estão surdos?", ele perguntou irritado. "Estou indo para casa. Não tenho tempo para ficar brincando e fofocando o dia todo, como alguém que eu conheço". Ele tirou o chapéu para Belinda numa postura estranha e fora de moda e saiu como um furacão.

Kells prendeu a respiração quando o rancheiro tirou a mão esquerda do bolso para abrir a porta, mas Cy, felizmente, estava do lado de fora e não pôde ouvir.

"O que aconteceu com a mão dele?", ele exclamou.

"A fazenda dele em Wyoming queimou totalmente em um incêndio", Luke disse tranquilamente. "Sua esposa e filhos pequenos estavam na casa no momento. Ele não conseguiu salvá-los. Não por falta de tentar, e foi assim que ele se queimou".

"Oh, Deus", Kells disse com força. "Não é nenhuma maravilha ele odiar crianças. Faz ele se lembrar do que perdeu, você não acha, Senhorita Jessup?".

Ela pôs um braço afetuoso ao redor de Kells. "Sim, acho. Pobre homem. Bem, vamos voltar. Eu deixei os outros no almoço".

"Desculpe pelos problemas", Kells disse.

Luke sorriu para ele. "Não foi nenhum problema". Ele encarou o chefe da polícia e sorriu.

"Obrigado, Chet".

Chet Blake encolheu os ombros. "Mais um dia de trabalho. Eu estava tentando fazê-lo desistir das queixas quando você entrou. Mas não consegui, fico triste em dizer. Não pude movê-lo".

"Ele é bem difícil", Luke concordou. "Mas ele fez a coisa certa no fim".

"Sim, verdade. Talvez ele não esteja totalmente congelado ainda", Blake respondeu.

Eles voltaram ao acampamento de Belinda em um silêncio sociável.

"Eu vou levar Kells comigo", ele disse a ela quando parou na frente da cabana, e os meninos pularam na varanda para saudar Belinda. "Eu o alojarei e você poderá vir daqui a alguns dias para checá-lo".

"Eu pensei que você estava brincando!", Kells exclamou. "Então era sério?".

"Claro que era", Luke disse a ele. "Você é um vaqueiro natural, Kells. Eu vou te fazer um peão importante. Então, quando você sair da escola, e se ainda tiver isso em mente, eu te contratarei como um vaqueiro".

Kells dificilmente podia falar. Ele olhou fixamente para as mãos que estavam no colo e evitou o rosto dele. Havia luzes brilhantes naqueles olhos escuros até que ele piscou e as levou para longe. Sua voz ainda estava sufocada quando disse: "Obrigado, Sr. Craig".

"Luke", ele corrigiu. "E de nada".

"Divirta-se", Belinda disse a Kells.

Ele entrou no banco da frente ao lado de Luke e fechou a porta, debruçando-se para fora da janela aberta para acenar para os amigos. "Caras, estou saindo para aprender a ser um caubói! Vejo vocês depois!".

Eles acenaram de volta. Belinda juntou-se a eles na varanda e acenou para o caminhão com um sorriso.

"Kells está indo para prisão?", Juanito perguntou.

"Não, ele não está. O Sr. Parks desistiu das acusações", ela disse com sincero alívio. "Em um dia ou dois iremos visitar Craig para ver como Kells está indo. Mas no momento", ela acrescentou com um gemido quando viu a desordem na cozinha e na pequena mesa de jantar, "nós vamos ter uma lição de como lavar a louça e de como limpar a casa".

Os gemidos foram audíveis até fora da cabana.

Capítulo 4

Belinda manteve-se ocupada com os meninos restantes em seu pequeno grupo pelos próximos dois dias, levando-os para nadar e pescar. Eles eram como prisioneiros libertados, com bastante tempo para apreciar o mundo natural ao redor e nenhum regulamento e marcação de horários reprimindo-os. Era mais do que umas férias para eles; era o vislumbre de um outro mundo. Com alguma sorte, isso os sustentaria enquanto tivessem que ir para casa, daria a eles metas para trabalhar, daria esperança. Dois dias depois de Kells ter saído pela tangente com a lei, eles entraram no furgão e foram até o rancho de Luke para ver como o mais velho do grupo estava se saindo.

Eles dificilmente o reconheceram. Estava usando botas novas, calça jeans com chaparreira de couro por cima, camisa de manga longa e um chapéu de caubói. Ele sorriu para eles da cerca do curral, exibindo dentes brancos resplandecentes.

"Ei!", ele chamou. Ele saltou e foi até eles. "Senhorita Jessup, eu montei num cavalo a manhã toda e o Sr. Craig até me deixou separar um boi e laçar! Esse é um cavalo que ajuda a conduzir o rebanho", ele informou os outros meninos com conhecimento, movimentando a cabeça em direção ao cavalo no curral. "O nome dele é Bandy. Ele é treinado para conduzir o gado, então você não tem que fazer muito trabalho exceto se sentar na sela e deixá-lo fazer tudo. É um cavalo esperto!".

"Bem, ele certamente acha que é", Luke interrompeu, juntando-se ao grupo. "O que você acha do meu novo peão?", ele perguntou a Belinda, indicando Kells. "Parece que sempre fez isso, não é?".

"Sim, parece", Belinda disse sorrindo. "Nós precisamos de uma foto dele vestido assim", ela acrescentou.

"Eu tirei uma esta manhã", ele respondeu complacentemente. "Ele terá algumas fotos interessantes para mostrar ao povo lá em Houston".

"Eu vou trabalhar duro, Senhorita Jessup", Kells disse solenemente. "Mais duro do que já fiz antes. Agora que eu tenho algo que desejo ansiosamente, a escola não será tão ruim".

"Eu te direi um segredo, Kells", Luke disse a ele, "a escola foi difícil para mim, também. Mas eu consegui passar, e você também vai".

"Meu nome real é Ed", Kells disse tranquilamente. "Nunca tinha dito a ninguém".

Luke sorriu. "É assim que você quer que eu te chame?".

Kells hesitou. "Que tal Eddie? Eu gosto do Eddie Murphy, sabe".

"Eu gosto do Eddie Murphy também", Luke respondeu com um sorriso. "Eu nunca faltei a um filme dele no cinema".

"Caramba!", Kells estava impressionado.

"Eu o vi uma vez", Belinda disse, "em Cancun, México, num feriado. Ele é tão legal pessoalmente quanto parece na tela".

"Você conversou com ele?", Kells perguntou.

Ela agitou a cabeça. "Eu me senti muito tímida".

Luke levantou um pouco o chapéu e a estudou com um olhar agudo e observador. "Tímida, hmm?".

Ela deu a ele um olhar firme. "Sim, tímida! Eu fico tímida de vez em quando!".

Ele olhou intencionalmente para a boca. "Não está agora, está?".

Ela corou. "Nós podíamos ver aquelas vacas Holstein que você mencionou no outro dia?".

"Claro que podíamos!", Luke disse de uma vez. "Kells, você poderia levar os meninos para o pasto e explicar a eles por que nós gostamos de ter vacas Holstein como vacas leiteiras?".

Os garotos sorriram felizes. "Moleza, Sr. Craig! Vamos, caras. Eu sei como andar por aqui agora!".

O grupo, impressionado, seguiu Kells.

"Por que eu não posso ir, também?", Belinda perguntou.

"Porque eu tenho planos para você, senhorita Jessup", ele disse lentamente. Ele pegou na mão dela e a conduziu na direção da casa de armação branca.

"Que tipo de planos?", ela perguntou cheia de suspeita.

Ele parou com um sorriso reservado. "O que você acha?", ele se debruçou para mais perto, aproximando os lábios, de modo que quando ele falou, ela sentiu a respiração dele refrescante pairando sobre os lábios dela. "Bem, eu poderia estar pensando em como é grande e suave o sofá na sala de estar", ele murmurou. "E como duas pessoas se ajustariam nele".

Ela podia apenas respirar. Seu coração estava batendo loucamente contra as costelas.

"Ou", ele acrescentou, erguendo a cabeça, "eu poderia ter algo puramente inocente em mente. Por que não vem comigo e descobre?".

Ele a segurou pela mão e ela começou a andar quando tinha dito a si mesma que não iria fazer isto.

Ele a levou degraus acima e entraram na casa. Estava fresca e ventilada, com mobília clara e pequenos tapetes. Havia cortinas românticas brancas e a cozinha era espaçosa com mobília branca e amarela.

"É muito legal", ela disse involuntariamente, virando o olhar pelo ambiente.

"Você pode cozinhar?", ele perguntou.

"Algumas coisas", ela respondeu. "Eu não sou realmente boa com doces, mas posso fazer pãezinhos e biscoitos".

"Eu também, se decidir que quero", ele disse a ela. Ele se sentou à mesa da cozinha e cruzou as pernas sobre uma das cadeiras. "Você sabe fazer café?".

"O melhor", ela respondeu, sorrindo.

"Vamos ver".

Ele apontou na direção do gabinete onde o café, filtro e cafeteira estavam, e ficou vendo-a trabalhar.

"Há um bolo de chocolate, lá", ele indicou o tapewear enorme. "Se você gostar. Minha irmã trouxe ontem. Ela sempre me suborna quando quer algo", ele acrescentou com uma risada.

"O que ela queria?".

"Um baby-sitter para o bebê", ele respondeu. "Eu cuido dos filhos dela quando ela e o Tom vão à ópera no Met em Nova Iorque. É uma viagem de uma noite".

"Você realmente deve gostar de crianças", ela observou.

"Eu gosto deles quanto mais vou ficando velho", ele disse. "Acho que penso mais em ter as minhas. Afinal, o rancho tem que ter alguém para herdá-lo quando eu morrer".

"E se as suas crianças não gostarem de administrar uma fazenda?"

Ele fez uma careta. "Pensamento repugnante".

"Algumas pessoas não gostam de animais. Eu já encontrei alguns".

"Eu também. Mas não muitos".

"Porém, pode acontecer. Então quais seriam os seus planos para a dinastia?"

"Eu suponho que eles virariam fumaça". Ele jogou o chapéu no chão ao lado da cadeira e olhou fixamente para ela até que o clima ficou desconfortável. O som do café gotejando ficou mais alto e mais alto no silêncio tenso. "Venha aqui".

Ela ficou de pé olhando fixamente para ele, confusa.

Os olhos azuis dele brilhavam. Havia algo em seu olhar que a deixava com os joelhos fracos. Ele a estava hipnotizando.

"Eu disse, venha aqui", ele repetiu suavemente, a voz quase como um ronronado sensual.

Ela caminhou para ele, sentindo com ansiedade cada passo que dava. Isto era estúpido. Ela não podia deixar isso acontecer. Ela nem o conhecia realmente. Ela estava se deixando levar...

Ele levantou os braços e a puxou para seu colo. Antes de ela poder articular os pensamentos confusos que passavam por sua mente, ele tinha puxado a cabeça dela contra o ombro dele e a beijava como se sua vida dependesse disto.

Ela cedeu ao inevitável. Ele era forte e quente, e tudo o que era fêmea nela correspondeu a ele. Ela nunca tinha percebido como duas pessoas poderiam ficar tão próximas em um período relativamente tão curto de tempo.

Os braços dele se contraíram. Então, de uma vez, ele a deixou ir e se levantou. Seu rosto estava mais duro do que ela já tinha visto. Ele a segurava bem apertado em seus braços, olhando fixamente para os olhos verdes dela com uma expressão curiosa.

"Acho que devíamos dar tempo a cafeteira para que ela termine", ele disse rouco. "Vamos achar os meninos".

"Certo".

Ela o seguiu porta a fora, notando a economia de seus movimentos enquanto ele pegava o chapéu e o colocava na cabeça. Ele foi um pouco à frente dela, mantendo alguma distância entre eles. Ela se sentia intranquila, e se perguntou se ela tinha sido muito condescendente ao se adaptar. Talvez ela devesse ter batido nele, protestado ou feito algo.

Obviamente ela tinha feito algo errado.

Ele abriu a porta de tela e ela começou a passar, para apenas ser encaixada no longo braço dele que disparou na frente dela, bloqueando seu caminho.

"Eu adorei", ele disse brincalhão. "Mas nós temos que ir devagar. Eu saio sem compromisso tanto quanto você".

"Oh". Ela parecia ter desenvolvido um vocabulário de uma sílaba a partir do momento em que o tinha conhecido. Ela manteve os olhos no braço dele, em vez de seu rosto.

Ele levantou o rosto dela para encarar o dele. "Se eu quisesse te dispensar, teria dito sem rodeios", ele observou. Ele se curvou e tocou suavemente acima dos lábios dela. "Não se come de uma garfada só uma sobremesa exótica", ele sussurrou. "Não se apressa para saboreá-la, prova-se, até o finalzinho". Ele mordiscou o lábio inferior dela suavemente antes de erguer a cabeça dela. "E se eu for até Houston depois que você terminar seu acampamento de verão? Nós podíamos ir ao teatro, balé ou até um rodeio se você quiser. Eu sou bastante flexível em meu entretenimento, gosto de tudo".

"Eu também", ela disse, soando ofegante. "Amo ópera".

"Outro bônus", ele brincou, sorrindo amplamente. "Nós voaremos até Nova Iorque com Tom e Elysia um dia e iremos ao Met".

"Eu só estive lá uma vez", ela disse a ele. "E adorei".

"É inesquecível", ele concordou. "O cenário e os efeitos especiais são tão agradáveis quanto à ópera propriamente dita".

Ela timidamente se fixou em uma estampa na camisa dele. "Eu gostaria de sair com você".

"Então é um encontro". Ele olhou através dela para os meninos ao longe, de pé em um grupo como se estivessem assistindo uma aula. Provavelmente estavam, ele pensou, porque Kells era do tipo que pegava as coisas rápido e tinha aprendido muito nos últimos dias. "Não seria muito fácil ir ao cinema com aquele grupo a reboque", ele acrescentou com uma risada. "Eles iriam dominar a pipoca".

"Suponho que sim". Ela tocou no braço dele, onde o músculo era mais firme e apreciou sua força. Ela gostava do modo como se sentia perto dele. "Você tem sido bom para eles, especialmente para Kells".

"Ele tinha recebido um tratamento injusto. Acho que todos eles têm, mas fica mais visível nele. Sabia que os caras no alojamento gostaram dele de cara? Um me disse que estava lisonjeando por ter um adolescente pedindo informações em vez de tentar dá-las. Ele os faz se sentirem importantes perguntando a eles sobre as coisas". Ele franziu os lábios. "Eu me pergunto, será que ele percebe o dom que tem em fazer as pessoas gostarem dele? Até Parks, que odeia quase todo mundo".

"Ele está aprendendo que tem características que pode explorar, creio. Mas eu não sei se ele teria chegado neste momento tão rápido se você não tivesse intervindo. Obrigada".

Ele deu de ombros. "Como eu tinha dito, eu me beneficiarei de todo o entusiasmo dele. Ele realmente ama gado".

Ela observou o rosto magro dele. "Assim como você, acho".

Ele sorriu amplamente. "Não havia nada que eu quisesse ser, além de vaqueiro, quando era criança. Um de nossos peões tinha sido estrela de rodeio. Eu costumava me sentar e ficar escutando-o por horas".

"Nós tivemos um desses, também, no rancho do meu irmão", ela respondeu. "Ward, e eu gostávamos muito dele, até que ele se envolveu com a nossa mãe".

Ele fez uma carranca. "O quê?".

Ela suspirou. "Você deveria saber. Nossa mãe era muito promíscua. Qualquer homem servia. Então ela finalmente fugiu com uma de suas conquistas e nós tivemos que ficar e

viver com a reputação. Ravine é quase do tamanho de Jacobsville, então você pode imaginar a fofoca. Era pior para Ward do que para mim”.

"Há muitas crianças miseráveis no mundo", ele observou.

"Eu percebi”.

"É por isso que você não fica muito tempo no rancho do seu irmão?”.

Ela riu. "Não. É por causa da empregada—desculpe, agora tia. Lillian é uma casamenteira. Ela trouxe sua sobrinha Marianne para o Texas lá da Geórgia com algum pretexto e Ward se apaixonou perdidamente por ela. Ele não queria, então as coisas ficaram ruins antes de ele admitir que não poderia viver sem ela. Ela o mudou. Depois que se casou com Marianne, ele não é mais o mesmo desumano e grosseirão que costumava ser. Agora que Lillian teve esse grande sucesso, está de olho em mim”. Ela sorriu. "Eu não gosto de sua escolha de pretendentes, então eu me mantenho bem longe do rancho”.

"Quais tipos ela joga em você?”.

"Mecânicos grandes e cascudos, e um menino de entrega que vai até uns oitocentos metros perto da casa”.

As sobrancelhas dele se elevaram. "Você não está tão desesperada”.

"Obrigada”, ela respondeu. "O que você acha de escrever contando a ela?”.

Ele sorriu amplamente. "Dê-me um tempo. Eu cuidarei desse problema para você da maneira mais natural”.

Ela se perguntou o que ele queria dizer, mas não tinha confiança o suficiente para perguntar. Ela sorriu e passou por ele porta a fora.

Nos dias que seguiram, Luke era quase uma visita constante ao acampamento. Às vezes ele trazia Kells, às vezes vinha só. Ele ensinou aos meninos como fazer fogo a partir de gravetos, como fazer armadilhas, como viver da terra.

"Eles dizem que estas são habilidades antiquadas”, ele disse ao grupo depois de começar a fazer um pequeno fogo. "Mas e se o óleo acabar de repente e tudo eletrônico ou elétrico morrer? Comida congelada deterioraria. Os computadores não trabalhariam. Já que a maioria das estações de telefone é computadorizada, as comunicações ficariam fora do ar. Os carros não iriam longe, as casas não teriam calor, o condicionamento de ar não trabalharia. Se todas as velhas habilidades de sobrevivência forem perdidas um dia, os únicos humanos a sobreviverem serão os que puderem viver na terra—acreditando que haverá algum depois dos acontecimentos”.

O menino nativo americano, Juanito, tocou em um pequeno conjunto de minúsculos ramos que Luke tinha juntado em maço para usar para fazer o pequeno fogo. "Meu grande-tio dizia a mesma coisa”, ofereceu-se a dizer.

"Mas ele podia fazer armadilhas e achar água em lugares onde normalmente não há. Ele sabe quais cactos podem dar água ou serem comidos, e fazer fogo sem fumaça. O avô dele montou com Geronimo”.

Os outros meninos ficaram impressionados. "Mas ainda que você possa fazer essas coisas, de que serão úteis na cidade?”, um dos outros meninos perguntou. "O que você vai pegar em uma armadilha em Houston?”.

"Meninas”, um dos mais velhos disse com um sorriso travesso.

"Ele tem um pouco de razão", Luke disse, movimentando a cabeça na direção do menino que tinha perguntou sobre as habilidades rurais na cidade. "As pessoas que vivem nas cidades vão sofrer o golpe mais duro se nós tivermos uma grande crise de energia. Olhe o que aconteceu durante o último blackout no oeste".

"Eles fizeram um filme sobre isto. Foi assustador", outro menino disse.

"Bem, nós ainda temos vários dinossauros mortos esperando serem descobertos, então não acho que isso vai ser um problema imediato", Belinda brincou.

Isso levou a pergunta óbvia do porquê dinossauros mortos terem ligação com energia, e por vários minutos ela discorreu sobre a evolução de produtos de petróleo para os meninos enquanto Luke assistia e escutava atentamente.

Mais tarde, quando os meninos estavam prontos para dormir e ele estava pronto para voltar ao seu rancho, parou junto a ela sob as sombras, ao lado da pick-up.

"Você seria uma boa conferencista", ele comentou.

"Obrigada", ela disse, surpresa. "Alguns diriam que eu tenho uma boca grande e não consigo mantê-la fechada".

Ele tomou a mão dela e a trouxe para junto do peito. "Eu gosto do modo como você trata os meninos", ele disse tranquilamente. "Você nunca os manda calar a boca ou os faz se sentirem estúpidos por fazerem perguntas".

"Eu tento", ela concordou. "Fizeram isto comigo na minha escola, e eu não gostei".

"Eu também não gostei das minhas experiências". Ele alisou o dedo polegar em cima das unhas pequenas e limpas dela. "Você tem mãos bonitas".

"Você também". Ela gostava da força das mãos dele, do modo como seu coração saltava quando elas tocavam as mãos dela. Ela olhou para ele através da escuridão, tentando ver seu rosto sob a luz escura da cabana atrás dela.

Ele riu. "Eu estava pensando em como a vida é estranha", ele disse a ela. "Eu estava furioso quando descobri que um lunático iria abrir um acampamento de verão para meninos delinquentes justo na fronteira das minhas terras".

"Eu me lembro", ela riu.

"Foi um dia surpreendente de todo, especialmente Kells". Ele agitou a cabeça. "Que tesouro ele acabou se tornando. E esse seu garoto Juanito, cujo avô montou com Geronimo. Estes meninos são interessantes, não são nada do que eu tinha imaginado".

"Eles são únicos", ela disse. "Mesmo com o sucesso, eu tive três fracassos", ela acrescentou tristemente. "Quando eu comecei a trabalhar no escritório do defensor público, eu tive a ideia de que todos estes meninos estavam em apuros por causa da casa em que viviam. Foi um engano. Uma parte deles tinha pais amorosos e uma família que realmente se importava com eles, mas eles não conseguiam ver que era criminoso roubar, matar e ferir pessoas. Um dos meus tutorados me jogou no chão e tentou me estuprar".

Ela o sentiu enrijecer. "O que você fez?".

"Oh, eu sou uma velha conhecida da defesa pessoal", ela disse, tentando não dar importância ao terror que tinha sentido.

"Eu consegui uma abertura e quase o castrei. Aprendi uma lição. Alguns jovens não podem ser guiados, não importa o quanto a pessoa se dedique a salvá-los. Sempre haverá uma porcentagem que se sentirá confortável vivendo às margens da lei".

"Eu não gosto da ideia de você poder ser atacada", ele disse.

Ela sorriu. "Eu fico contente. Mas não sou tão ingênua quanto era. Eu não tenho mais sessões de portas fechadas com alguns de meus clientes. Eu tenho uma boa secretária e ela sempre está lá quando eu preciso". Ela suspirou. "Mas às vezes eu me sinto tão inútil. Como com Kells no caso com o chefe de polícia. Eu realmente não sei o que teria feito se você não tivesse sido capaz de convencer o Sr. Parks".

"Cy não é mau", ele disse. "Você apenas tem que encará-lo. Ele é o tipo de homem que será um inferno para aqueles que têm medo dele".

"Você não tinha".

Ele encolheu os ombros. "Eu cresci deixando a vida me levar", ele brincou. "Aprendi cedo que o medo é o pior inimigo. Quando aprendi isso, não tinha mais tanto medo das coisas".

"Eu notei". Ela se debruçou para perto e deitou a bochecha contra o peito dele, sentindo os braços dele envolvê-la, maravilhada. Ela fechou os olhos e o deixou segurá-la, apreciando os sons da noite e a força quente e firme do corpo dele. "Eu tenho apenas mais uma semana aqui".

Ela o sentiu enrijecer. As mãos pararam nas costas dela. "Uma semana?".

"Sim. Eu tenho casos me esperando quando as férias terminarem".

"Não tinha percebido que estava tão perto".

Os olhos dela se abriram e ela viu a luz lânguida do horizonte distante. Os grilos estavam cantando loucamente na noite. "Eu estava me divertindo tanto que não queria estragar tudo", ela confessou.

Os braços dele se apertaram ao redor dela. "Eu também. Mas eu já te disse que Houston não é tão longe".

"Claro que não é".

Os dois sabiam que não era exatamente assim. Era uma grande distância, e Luke não podia deixar o rancho funcionando sozinho. Um romance de longa distância iria ser difícil, embora os dois soubessem que era o caminho para o qual estavam indo.

"Será que você poderia vir trabalhar em Jacobsville?", ele perguntou.

Ela hesitou. "Isso seria bom", ela disse. Ela se perguntou por que o pensamento a fazia se sentir tão desconfortável. Ele estava pedindo a ela mais do que uma mudança, e isso a assustava. Ele estava pensando em um futuro que os incluía, mas tudo que ela podia pensar era no desastroso casamento dos próprios pais. Ward tinha feito as coisas darem certo com sua Marianne, mas Belinda tinha ficado sozinha por muito tempo. Ela não estava pronta para pensar em passar a vida com alguém.

"Nós temos uma vara da infância aqui", ele continuou. "É itinerante, e nós podemos não ter casos como os que você tem em Houston, mas você ficaria ocupada. Nós temos crianças locais que poderiam pagar um bom advogado".

"Há crianças assim em todos os lugares", ela disse com firmeza. "Mas Houston é a minha casa agora. É onde o meu trabalho está. Eu não me sentiria confortável começando tudo de novo em uma nova cidade, especialmente uma cidade pequena".

Ele parou um momento então se afastou dela dando um passo para trás. "O trabalho é importante assim para você, é?".

Ela sentiu uma frieza nele que ainda não tinha sentido. Mas ela não iria recuar agora. Ela estava lutando pela própria independência. "Bem... sim, é. Sinto que estou começando a fazer algo de bom".

"Seu trabalho é mais importante do que um casamento seria?".

Ela não tinha pensado tão na frente. "Eu não pensei muito sobre casamento. E se pensei, é ainda bem no futuro. Eu não quero ficar presa ainda".

Ele a estudou com lábios frizados e um olhar fixo e calculista. "Então você quer, é ter um affaire".

Foi como se ele tivesse jogado um balde água fria nela. Ela não conseguia nem achar palavras para expressar o que estava sentindo.

"Não, Eu... não quero ter um affaire", ela gaguejou. "Eu não tenho tempo para esse tipo de coisa. Eu tenho casos no trabalho que seriam mais do que suficiente para três pessoas, mas há apenas eu para fazer o trabalho".

Ele a soltou completamente e foi para longe, debruçou-se contra o capô da pick-up para estudá-la. "Uma coisa que eu aprendi cedo é que trabalhos não são tão importantes quanto pessoas", ele disse friamente. "Eu nunca pus meu trabalho antes da minha família".

"Ward sempre fez", ela respondeu.

"Você não é o seu irmão. E você disse que ele mudou desde que se casou".

"Sim, mas eu aprendi desde criança que se deve dar tudo de si quando se faz um trabalho, seja ele qual for. Meu pai martelou na gente essa moral de trabalho desde a infância".

"Você não acha que pode mudar?".

Ela fez uma carranca. A conversa estava indo além de laços. Ela não estava mais certa do que acreditava. Ela se sentia atraída por Luke, mas ele estava falando como se quisesse que ela desistisse do próprio trabalho para ficar em casa o tempo todo. Ela sabia que nunca faria isto. O trabalho a completava, era importante, quase sagrado. Ela tinha uma missão na vida que não sacrificaria por pratos sujos e serviço doméstico.

"Eu não fui feita para ser uma feliz dona de casa", ela disse com uma risada falsa.

"Nada de panelas e fraldas sujas para você, certo?".

Ela não tinha muita certeza, mas ele estava sendo sarcástico. "Talvez", ela disse após um minuto. "Estou fazendo um trabalho importante, e não é um que qualquer pessoa possa fazer. Gosto do meu trabalho. Tenho que sentir que estou contribuindo com algo no mundo".

Ele girou a cabeça e olhou fixamente na direção do horizonte sem falar. Ele não tinha contado com isso. Ele estava se apaixonando, e pensou que ela estava também. Mas ela não era obviamente o tipo de mulher que se casa, e ela não queria ter um affaire. Não sobrava nada além de amizade, e isso não era o suficiente para ele.

"Eu nunca vivi no lado glorioso da vida", ele disse finalmente. "Eu crio gado. É o que eu gosto, e eu consigo me manter bem. Sempre pensei que viria naturalmente para mim me tornar um homem de família. Eu quero crianças. Eu seria bom para eles, e eles teriam todas as coisas que eu não tive quando estava crescendo, como pais amorosos e segurança". Ele encolheu os ombros. "Suponho que seja um ideal antiquado neste mundo moderno, mas ainda é o que eu mais quero". Ele olhou além para lugar nenhum, o queixo

erguido, o ar gelando o rosto. Ele suspirou, girou e olhou para ela. “Bem, eu apreciei ter você e os meninos ao redor, apesar do nosso início ruim”, ele disse, e realmente sorriu. “E se você voltar no próximo verão, poderá trazer sua ninhada de novo e eu mostrarei a eles como se administra uma fazenda”.

Ele era agradável e amigável, e de uma vez ela sentiu uma porta se fechar. Ele iria ser amigo dela, seu bom vizinho no verão, e nada mais. Ela sabia sem que uma palavra fosse dita que não haveria nenhuma viagem à ópera, nenhuma visita de fim de semana a Houston. Ela sabia isso com toda certeza como se ele tivesse falado em voz alta.

“Eu lembrarei”, ela respondeu com tom baixo e fraco. “Obrigada”.

Ele deu de ombros. “Para que servem os amigos?”, ele brincou. “Bom, seria melhor eu ir. Vigie Kells para mim quando vocês voltarem, certo? Ele é um bom jovem. Eu detestaria que ele tivesse uma recaída”.

“Me certificarei de que ele não faça nada errado”, ela prometeu.

Ele anuiu com a cabeça. “Até logo, então”.

“Até logo”.

Ela o viu entrar na cabine da pick-up, ligá-la e ir embora dirigindo descuidadamente. Era mais do que uma porta se fechando. Era o fim de algo que poderia ter sido doce e longo, e ela tinha acabado com algumas palavras frias.

Ela dobrou os braços em frente aos seios e se perguntou por que tinha se sentido compelida a dizer coisas que realmente nem acreditava. Ela tinha medo, decidiu. Teve medo de dar uma chance, de se arriscar, de se casar e acabar como os seus pobres pais. Ela não era do tipo que seria infiel e ela não achava que Luke fosse também, mas ela tinha visto logo de cara um casamento ruim e estava assustada.

Seu trabalho era seguro, confortável e sem riscos. Ela sabia aonde a levaria, ela conhecia o caminho bem. Casamento era como andar por um labirinto, com falsas curvas e paradas súbitas e perigos ao redor. Ela apenas conhecia Luke. E se o homem que ela tinha visto na superfície não fosse o verdadeiro homem?

Ela girou e voltou para o lado de dentro. Era inútil especular. Ela se sentia vazia e só, mas ela sabia que era melhor assim. Ela estava muito insegura de dar aquele passo final com Luke. Ele merecia alguém que sabia o que procurava.

Capítulo 5

Belinda ficou pronta a defender sua independência, mas se ela esperava que Luke tentasse fazê-la mudar de idéia, ficou desapontada. Ele veio frequentemente para conversar com os meninos e estava indo bem em ensinar a Kells como ser um vaqueiro. Ele trouxe o jovem para ver Belinda e estava sendo amigável como tinha sido no princípio. Mas ele não era mais acessível.

“Você já está empacotando as coisas, creio”, ele observou alguns dias antes das férias dela terminarem enquanto se inclinava contra um dos suportes na varanda da frente da cabana. “Doida para ir embora?”.

"Nem tanto", ela disse cuidadosamente. "Tem sido muito instrutivo e divertido. Mas tenho trabalhar a fazer. Férias não duram para sempre".

"Não seria muita divertido se durassem", ele observou. Os olhos azuis deslizaram de cima a baixo pelo corpo esbelto em calça jeans e camisa de tricô. "Quantos anos você tem?", ele perguntou abruptamente.

Ela piscou, surpresa. "Tenho vinte e sete anos", ela disse.

Os olhos dele se estreitaram. "Quanto mais velha você ficar, mais difícil será para desistir de sua independência. Você ficará dentro de uma concha e não conseguirá sair".

Ela olhou fixamente para ele. "É a minha concha".

"É uma pena desperdiçar a mocidade em um trabalho, não importa o quão importante ele seja", ele comentou. "Várias mulheres conseguem ao mesmo tempo ter um casamento, carreira e até filhos. Não é impossível, especialmente com um companheiro que está disposto a se comprometer".

"Eu não quero me comprometer", ela disse obstinadamente. Os olhos verdes relampejando. "Eu te disse que gosto muito de ser como sou".

"Você tem um gato?".

Ela fez uma carranca. "Para que eu precisaria de um gato?".

"Para te fazer companhia", ele enfatizou. "Você não poderá continuar a viver completamente só. Ficará solitária".

"Odeio gatos!".

"Mentirosa".

Ela suspirou furiosamente. "Certo, eu não odeio gatos, mas eu não tenho tempo para cuidar de um animal de estimação".

"Você poderia comprar uma daquelas coisas japonesas eletrônicas que tem que alimentar e limpar depois", ele sugeriu.

"Eu não quero um bicho de estimação eletrônico".

"Eu tenho um no meu computador", ele falou brincando. "Late e rosna e brinca através da tela. Alguns deles até evoluem".

"Maravilhoso. Exatamente o que eu preciso. Um cachorro para proteger meu computador". "Eles são fofos".

Ela odiava o modo como os olhos próprios olhos iam de cima a baixo nele, indo das pernas longas, quadris esbeltos até o peito largo.

Ele era sensual e ela estava ficando louca por ele. Ela não podia dar para trás agora, quando estava tão perto de ir para longe dele a tempo!

"Daqui a pouco você vai ter um animal para cuidar a vida toda, alimentando e limpando depois. O que há de errado com o animal real?".

"Ah, querida", ele murmurou suavemente, e riu quando ela corou por causa do tratamento carinhoso. "Você é a pessoa que não quer se casar".

"Por que eu preciso ter um animal eletrônico só porque não quero me casar?".

Ele sorriu devagar. "Você teria algo para dar sua afeição. Algo para fazer companhia. Algo para abraçar".

"Eu queria te ver abraçar um computador!".

Ele saiu de repente de perto do poste e parou a apenas alguns centímetros dela, as mãos nos quadris esbeltos enquanto ele observava o rosto vermelho dela. "Eu gostaria de te abraçar, Belinda", ele disse suavemente. "Nós poderíamos nos sentar no sofá e ver TV juntos nas noites quando tivermos acabado o trabalho. Nós poderíamos ficar na cama até tarde, na rede nas noites preguiçosas de verão e nos beijar sob a serenata dos grilos e latidos dos cães de caça. Nós poderíamos compartilhar café e bolo às duas da manhã quando não conseguíssemos dormir. Você poder fazer isso com um animal de estimação virtual ou uma pilha de documentos?"

Ela odiou o que seu próprio coração fazia dentro do peito. Os olhos arregalados, preocupados, encontraram os dele. "Eu estou assustada!", ela estourou.

"Eu sei que você está, só não sei o porquê". Ele tocou na bochecha dela com as pontas dos dedos, deslizando sobre a pele corada. "Eu também sou preocupado. É um grande passo da amizade a intimidade. Mas nós temos muito em comum, e não estou falando apenas de gado". Os dedos desceram até a boca suave dela. "Não jogue fora tudo por causa de um trabalho".

Ela recuou como se os dedos dele tivessem-na escaldado. Os olhos estavam arregalados, o rosto marcado com receio e confusão. "Eu não quero... pertencer... a ninguém", falou por entre dentes trincados. "Se eu ficar sozinha e depender de mim mesma, não serei machucada".

"Talvez não", ele concordou. "Mas você nunca saberá como é realmente compartilhar amor. Você tem um grande coração. Você dá seu tempo, trabalho duro e coração para estes meninos no acampamento. Por que é tão difícil fazer a mesma coisa com um homem?"

Ela fez uma careta. "O amor não dura", ela gemeu.

"Dura, sim", ele discordou. "Se você puder se comprometer, dura. Nada vem com dinheiro como garantia nesta vida, mas as pessoas com bom coração e coisas em comum normalmente não acabam em um tribunal de divórcio. Tente olhar para os casais de idosos, pessoas que estão juntas há cinquenta anos ou mais. Eu acredito que amor pode durar, se você der uma chance".

Ela suspirou pesadamente. "Eu não acredito nisso", ela disse. "Sinto muito. Para mim, são apenas contos de fadas. Não há finais felizes".

"Sua cínica", ele repreendeu. "Dê uma chance. Ouse o quanto puder. Arrisque tudo".

"Eu não sou uma jogadora", ela respondeu. "Sou uma mulher convencional, conservadora e sem senso de aventura. Eu não me arrisco, nunca".

Ele agitou a cabeça tristemente. "Bem, é um desperdício", ele disse a ela. "Você tem tanto para dar, Belinda. Mas você está envolta demais em seus próprios medos".

"Eu não tenho medo de nada!", ela relampejou de volta.

"Exceto amor".

Ela começou a discutir, mas não conseguia achar as palavras certas.

Ele cutucou o nariz dela com o dedo indicador e sorriu. "Você pode ser uma molenga. Eu não sou. Apenas continue fugindo, querida. Quando você se cansar, eu ainda estarei aqui".

"Por quê?", ela perguntou quase em angústia.

O rosto dele estava sério e os olhos começaram a brilhar em seu rosto magro. "Porque vale a pena lutar por você, sabe? E eu sou um homem teimoso quando quero muito algo".

"É apenas atração física!", ela murmurou.

"Não é".

"Eu sou algo diferente, fora do comum".

"Você é sim", ele concordou. Ele balançou o queixo dela e deu um beijo rápido e firme em sua boca suave. "Certo, ficamos por aqui. Mas não cometa o engano de pensar que eu irei embora. Eu sou como uma bola de borracha. Eu continuo voltando".

"Não mudarei de idéia", ela disse por entre os dentes.

Ele apenas riu, entrou no caminhão e foi embora.

"Eu não irei!", ela gritou para ele.

Nessa hora ela percebeu que os meninos estavam todos olhando fixamente para ela quando se virou de frente para a cabana.

Os próximos dias passaram muito depressa, não apenas para Belinda, mas para Kells também. Ele estava quase em lágrimas quando subiu no furgão para a longa viagem até Houston.

Os homens do alojamento tinham vindo em massa para apertar sua mão e desejar coisas boas.

"Te vejo aqui no próximo verão, jovem", um dos homens mais velho disse alegremente.

"Tente ficar longe de dificuldade, também!".

"Sim, senhor, eu irei", Kells prometeu com um sorriso triste. "Vou sentir falta de vocês, caras".

"Nós sentiremos falta de você, também, filho", outro peão concordou. "Estude mesmo. Ser vaqueiro é mais complicado do que costumava ser. Você precisa de uma boa educação até para colecionar livros!".

"Eu me lembrarei", Kells prometeu.

Luke estava de pé ao lado do motorista, onde Belinda estava tentando ser alegre e falhava miseravelmente. Ela olhou para cima e viu olhos tão azuis quanto um ovo de Robin e sentiu o coração se contrair dolorosamente. Ele era amigável e alegre, mas de repente distante, como se não sentisse nada de paixão por ela.

A atitude dele confundia-a e até feria, mas ela tentou se comportar indiferentemente. Ela ofereceu a mão. "Obrigada por toda a ajuda", disse com um riso forçado. "Eu nunca teria conseguido passar por isto sem você".

Ele olhou para os meninos e sorriu, acenou para eles enquanto eles subiam a bordo. "Você tem um bom grupo. Como eu disse, se você vier novamente no próximo verão..."

"Não... eu não acho que virei", ela disse, tendo feito essa dolorosa decisão na noite anterior. Ela não queria ver Luke novamente, nunca mais. "Vou colocar a terra à venda. Se você for rápido, poderá pegá-la antes do Sr. Parks".

Ele estava olhando fixamente para ela. "Eu pensei que você tinha decidido que o acampamento era uma boa idéia".

Ela agitou a cabeça. "Há muitas armadilhas inesperadas", ela respondeu. "Se você não estivesse ao redor, Kells teria ido para a prisão. Eu não tinha nenhuma idéia de em que

estava me metendo, embora tivesse acabado melhor do que esperava". Ela olhou fixamente para o botão da camisa dele em vez de olhar para o rosto. "Eu decidi deixar os acampamentos especiais para as pessoas quem sabem o que estão fazendo. Eu quase causei um desastre, com as melhores intenções do mundo em mente".

"Engraçado. Eu achei que você tinha feito um grande trabalho", ele disse.

Ela sorriu indiferentemente. "Teremos que esperar para ter certeza".

Ele franziu os lábios. "Eu acho que você está contente por estar partindo", ele disse negligentemente.

Ela hesitou. Quase disse que se sentia vazia e só, muito mais do que já tinha sentido em toda a vida, e que não estava nada contente. Mas o momento passou. "Sim", ela disse com um sorriso lânguido. "Eu ficarei contente em voltar a trabalhar". Ela estendeu a mão. "Obrigada novamente".

Ele tomou a mão e enrolou os dedos no dela, vendo a respiração dela prender com o contato.

Ela sentia algo por ele, algo forte, e ele sabia que ela sentia. Mas ela estava assustada e pronta para correr. Ele podia dizer pelo gelo dos dedos, as batidas incertas das pestanas enquanto ela tentava e falhava em encontrar os olhos dele.

"Não há grande recompensa sem grandes riscos", ele disse sob a respiração.

Ela ergueu os olhos e ficou presa nos suaves olhos azuis dele. "Meus pais..."

"Você não é os seus pais", ele respondeu simplesmente. "E eu não sou o meu. A vida é um risco. Tudo é um risco. Se você nunca der uma chance, se você sempre tentar se manter segura, para que servirá a vida? Você terá nada além de monotonia".

"Eu não gosto de me arriscar", ela disse seca.

"Você podia aprender a gostar", ele brincou. "Mas você acabará descobrindo da forma difícil, creio".

"Será minha escolha", ela disse se esquivando. "Você não pode me dizer como viver minha vida".

"Eu não posso, hmm?".

"Isso mesmo, você não pode", ela disse firmemente. "Estou saindo agora. Vou voltar para minha própria vida, para meu trabalho".

"E isso é tudo que você precisa para ser feliz, certo?".

"Certo!", ela disse firme. "Estou contente que você finalmente tenha entendido".

Ele sorriu de modo estranho, calculista. "Eu entendo mais do que você pode pensar. Bem, já que você está determinada a partir, aqui está algo para você levar de volta a Houston e seu trabalho perfeito".

Ele se moveu para frente, puxou-a contra ele, curvou as costas dela sobre seu braço, no melhor estilo Hollywoodiano, e com uma risada, beijou-a até que ela parasse de espernear e ficasse sem ar.

Ela se sentiu como se estivesse derretendo completamente na frente dele, os lábios dela cheios de desejo e doloridos enquanto ele a beijava, o corpo dela pulsando pelo contato longo e firme com a força dele. Quando ele tinha terminado com ela, ela estava se agarrando a ele e gemendo vulnerável. Ele teve que erguer os braços dela e segurá-la antes que ela conseguisse ficar de pé.

Vários segundos apressados mais tarde, ela cambaleou para o furgão e subiu, tentando colocar a chave na ignição divertindo seus passageiros que a provocavam.

"Eu aposto que ele assiste filmes antigos na televisão", Kells disse animado.

"Poderia ficar quieto?", Belinda perguntou. "Nós precisamos pegar a estrada. Adeus, Sr. Craig!", ela disse bruscamente.

Ele tirou o chapéu e se curvou sarcasticamente. "Au revoir, Senhorita Jessup!", ele gritou em resposta.

Ela pisou firme no acelerador e quase afogou o motor. Enquanto o furgão saía do jardim em direção ao portão, Luke estava rindo maldosamente. Ele era um perito em pescaria, e esse era o torneio da sua vida. Ele iria pegar esse peixinho cheio de energia. Custaria paciência e fortaleza, mas ele nunca tinha sido carente dessas qualidades.

Ele pôs o chapéu e foi em direção ao celeiro, assobiando toda a distância.

Nas primeiras duas semanas depois que Belinda tinha voltado ao trabalho em Houston, sentia um novo vazio em sua vida. Ela não tinha achado que se sentiria tão sozinha sem os meninos. Ao longo das semanas ela tinha se acostumado a eles. Agora, ela sentia como se tivesse deixado a família para trás. E sentia uma falta absurda de Luke.

Ela estava deixando o palácio da justiça depois de uma manhã particularmente áspera quando quase se chocou com Kells na parte inferior dos degraus.

Ele sorriu amplamente. "Tenho algo para te mostrar", ele disse, mostrando um punhado de papéis nas mãos.

Ela os pegou, olhou para eles, e ofegou. "Como? Kells, isto é extraordinário!".

E era mesmo. Ele tinha tirado A em Inglês, Matemática, e Ciências Sociais.

Ele ainda estava rindo amplamente. "Em casa acham que estou ficando louco porque tudo que faço é estudar. Eu apenas os ignoro quando começam a beber. E fico no meu quarto comendo os livros. Não é tão difícil, afinal, Senhorita Jessup. Eu apenas precisava de uma motivação".

"É exatamente isso. Oh, estou tão orgulhosa de você!", ela exclamou.

Ele pareceu embaraçado. "Obrigado. Você poderia dizer ao Sr. Craig?".

Ela se fechou. "Eu não tenho falado com ele".

"Você poderia escrever para ele, não?", ele persistiu.

Ela teve que concordar que podia, embora realmente não quisesse. Ela suspirou. "Suponho que eu poderia, considerando que seria uma agradável surpresa para ele saber essas notas. Eu farei isto".

"Obrigado, Senhorita Jessup. E não é só isto, mas também por acreditar em mim", ele acrescentou solenemente. "Ninguém tinha achado que eu valia o tempo deles".

"Você vale a pena cada segundo do meu tempo", ela disse com um sorriso. "O Sr. Craig acredita em você, também".

"É isso que me mantêm", ele disse a ela. "O trabalho no próximo verão. Eu vou trabalhar tão sério, Senhorita Jessup. Eu vou aprender tudo que puder antes de voltar. Farei o Sr. Craig sentir orgulho de mim".

"Ele realmente irá", ela disse.

"Preciso ir. Estou fazendo curso à noite de espanhol", ele acrescentou, surpreendendo-a. "Alguns peões mexicanos falam, sabe. Te vejo depois, Senhorita Jessup!".

Ela acenou para ele e então sua respiração prendeu ao pensar na ambição dele. E pensar que há poucos meses, ele poderia ter acabado em um reformatório juvenil para sempre, e então em uma prisão. Quantas crianças como Kells nunca conseguiriam porque não havia ninguém para encorajá-los e acreditar neles?

Ela se sentia bem por dentro. Se ela conseguisse arrancar uma criança que fosse de sua pobreza miserável, seu trabalho valeria a pena. Por que aquele vaqueiro cabeça-dura de Jacobsville não entendia isto? , ela pensou furiosamente.

Então ela se lembrou de que ele havia perguntado como ela se sentiria em trabalhar em Jacobsville, e o que ela tinha dito a ele. Ela disse que não podia fazer tal trabalho em qualquer lugar exceto Houston, e isso tinha sido balela. Claro que ela podia. Mas estava tão assustada. Ela não queria se apaixonar e casar. Ela queria depender de apenas uma pessoa, ela mesma. Ela não conseguia se imaginar arriscando o coração.

Ela continuou andando até seu carro, sentindo-se desesperada e miserável. Se ela nunca tivesse conhecido Luke Craig!

Não era fácil ignorar o pedido de Kells sobre aquela carta para Luke. No fim, Belinda se sentia forçada pela própria consciência a enviar a carta. Era amigável, não muito íntimo, e efetivo.

Ela tentou vinte vezes antes de conseguir achar as palavras certas. Enviou a carta e esperou.

Mas a resposta não chegou do modo como ela esperava. Depois de uma sessão particularmente longa no tribunal com um cliente, ela se arrastou de degraus acima até seu apartamento e encontrou um rosto familiar debruçado contra a parede próxima à sua porta. Ele estava vestindo um terno de marinheiro com uma gravata, e parecia mais sofisticado do que qualquer rancheiro que ela já conheceria.

"Luke!", ela exclamou.

Ele riu e a ergueu nos braços, beijando-a com desejo, ali mesmo no corredor. A capa de chuva, a valise e a bolsa dela se esparramaram no chão como grãos de milho enquanto ela o beijava de volta. Foi só então que ela percebeu quanta falta sentia dele.

"Não há necessidade de perguntar se senti minha falta", ele murmurou antes de beijá-la novamente. "Que tal um jantar?".

"Estou morta de fome", ela disse sem ar. "Mas não tenho nada para cozinhar..."

"Aqui embaixo há um bom restaurante. Eu fiz reservas", ele disse. "Ponha suas coisas lá dentro e se refresque".

Ela estava relutante em tirar os braços do redor do pescoço dele, e riu da própria atitude. "É bom ver você", ela disse, tentando agir normalmente enquanto ele a descia até o chão.

"É bom ver você, também", ele respondeu com um sorriso. "Você parece esgotada".

"Tem sido uma semana longa". Ela observou os olhos dele antes de pôr a chave na fechadura e abrir a porta. "Foram longas semanas", ela acrescentou honestamente.

"Eu sei".

Ela pôs as coisas em uma cadeira e se virou para ele. Ele parecia cansado, também. Ele era devastador para um coração que estava faminto com o desejo de vê-lo. Por vários segundos, ela apenas ficou olhando para ele.

Ele fez o mesmo. Em seu vestido bege, de saltos altos, com o cabelo loiro escuro em ondas suaves até o colarinho, ela parecia adorável.

"Se você quiser jantar mesmo", ele disse rouco, "você tem dez segundos para parar de me olhar assim antes que eu faça alguma coisa".

Ela o desejava. Realmente desejava. Mas havia coisas para serem acertadas primeiro, então ela baixou o olhar com um sorriso tímido. "Certo", ela disse. "Vou me refrescar".

Enquanto ela colocava maquilagem e um pouco de perfume, ele olhava fixamente para o computador na escrivaninha. Um novo software estava próximo a ele, com o desenho de um cachorro na caixa. Ele sorriu amplamente.

"Vejo que comprou um cachorro", ele disse lentamente quando ela voltou à sala de estar.

Ela viu para onde ele estava olhando e riu inconscientemente. "Pareceu atraente. E é".

"Eu tinha te dito. Pronta para ir?".

Ela concordou com a cabeça, pegando a bolsa.

Ele a parou em frente à porta antes de abri-la. "Esse batom sai facilmente?", ele perguntou com um tom profundo, preguiçoso.

Ela estava um pouco feliz. "Creio que sim".

"Vamos ver".

Ele a trouxe para perto, olhados fixamente em seus olhos até que ela sentiu o corpo inteiro vibrar com sensações deliciosas, e só então ele se curvou para tomar os lábios dela debaixo dos dele.

A ausência certamente tinha feito o coração ficar mais aficionado, ela pensou enquanto podia. A bolsa caiu no chão pela segunda vez na tarde, e os braços dela se esticaram até envolvê-lo enquanto o beijo quente e firme continuava.

Ela estava na ponta dos pés quando ele parou. Os olhos azuis dele, mais vívidos do que ela podia se lembrar, olhavam fixa e diretamente nos olhos verdes dela com todas as evasões e provocações sumidas.

Ele estava tão sério que a expressão no rosto deixava-a nervosa.

"Diga para mim que o trabalho significa para você mais do que eu", ele disse rudemente. "E eu sairei agora mesmo antes que as coisas fiquem mais sérias".

As pálpebras dela vacilaram com o pensamento. Ela prendeu a respiração instável. "Faz semanas", ela conseguiu dizer em um tom firme.

"Diabos, faz anos", ele murmurou, e sua boca desceu até a dela novamente. Mas desta vez foi áspero, forte e insistente. Desta vez o sentimento tinha enterrado dentro dela com paixão e objetivo, e ela estava tremendo quando ergueu a cabeça.

Ela se apegou a ele com toda a força. "Se você for, vou com você", ela disse involuntariamente, o rosto vermelho, os olhos cintilantes cheios de emoções.

"Foi isso o que eu vim esse trajeto todo para ouvir", ele disse com a voz baixa e áspera. "Você levou muito tempo!".

Ela afundou contra ele e os braços dele envolveram-na. "Ainda estou com medo, Luke", ela sussurrou.

"Todo mundo tem medo. Não só de se apaixonar, mas de se casar, ter filhos. São grandes passos, passos importantes. As pessoas que não têm medo de se levar a eles são aquelas que acabam se divorciado e sendo infelizes. Você tem que estar certa, mas mesmo assim, é um risco".

"Estou disposta a tentar, se você quiser", ela disse depois de um minuto.

Os braços dele se contraíram novamente enquanto ele se curvava acima da cabeça dela e a embalava contra ele.

"Eu estou disposto a me casar desde a primeira vez que te vi", ele suspirou. "Eu passei minha vida esperando por uma mulher com quem eu pudesse viver. E você nem gostava de mim!".

Ela riu encantada. "Foi só no princípio", protestou.

"Ha!", ele murmurou. "Você lutou comigo todo o tempo". Ele ergueu a cabeça para olhar para ela abaixo dele. "Jacobsville sempre poderá usar um bom defensor público", ele disse firmemente. "Há crianças em dificuldade em todos os lugares".

Ela sorriu com remorso. "Eu estava me protegendo", ela confessou. "Eu não podia aguentar o pensamento de ficar próxima a você o tempo todo se... bem, se eu fosse a única a me sentir deste modo".

"De que modo?", ele perguntou com um tom suave, sensual.

Ela olhou fixamente para a gravata dele. Era azul com estampas Paisley — muito bonito. Os polegares dele tocavam suavemente as costelas dela.

"Qual o modo?", ele persistiu.

Ela debruçou a testa contra ele. "Eu amo você".

Houve um silêncio longo, como um mau agouro. Ela ergueu a cabeça apreensivamente e viu os olhos dele.

Eles estavam de um azul tão vívido que quase ardiam. Ela conseguiu apenas um vislumbre deles antes que ele a abraçasse e erguesse contra ele e a beijasse novamente. Sob a respiração, ela o ouviu repetir as palavras de volta para ela. E então, ela parou de tentar ouvir qualquer coisa exceto a batida de seu próprio coração.

Longos minutos tempestuosos mais tarde, ele olhou para ela abaixo, ela estava deitada sobre o antebraço dele no sofá, o corpo suave e fluido contra o dele, o vestido desabotoado, o cabelo bagunçado.

A camisa dele estava aberta, também, a gravata tinha ido, e os dedos dela brincavam preguiçosamente com os pelos loiros no peito dele.

"Nós íamos sair para comer", ela o lembrou.

"Para o inferno com a comida. Eu não estou com fome".

"Bem, eu estou", ela disse, rindo. "Especialmente agora".

Ele deslizou o dedo lentamente sobre a renda do sutiã dela. "Desmancha-prazeres", ele murmurou. "Justamente quando estou começando a saber tudo sobre você".

Ela riu novamente, movendo a mão dele para o lado para que conseguisse abotoar o vestido novamente.

"Pare com isto", ela provocou.

"Parar? Eu ainda nem comecei!", ele protestou.

"Há bastante tempo para isso", ela o lembrou. Ela observou os olhos azuis dele. "Eu quero um casamento todo de branco. Você se importa?"

"Eu quero, também", ele concordou sorrindo para ela. "Nós temos os ingredientes, um padrinho, uma madrinha, uma daminha de honra—minha sobrinha, claro", ele acrescentou com uma risada.

"Eu terei minha cunhada como matrona de honra. Madrinha", ela brincou, e riu em imaginar a bonita Marianne em um terno e gravata borboleta.

"Será uma ocasião", ele disse. "E então nós criaremos gado, cuidaremos das crianças e envelhecemos juntos".

Ela se aconchegou perto dele, tão feliz que mal podia se conter. "Adoro como isso soa".

"Eu também. Mas nós envelhecemos devagar, se você não se importar. Eu tenho muita animação em mim, ainda".

"Eu notei", ela disse afetadamente.

Ele se aproximou ainda mais. "Ei, sabia?", ele murmurou, os olhos vagando sobre ela sensualmente.

"Eu te amo", ela sussurrou.

Ele sorriu devagar. "Eu te amo, também".

Foi a última coisa que eles disseram por muito tempo.

O casamento foi uma verdadeira ocasião em Jacobsville. Todo mundo veio, até o carrancudo Cy Parks, que usava um terno e trazia um presente de casamento. Ward Jessup e uma Marianne com gravidez avançada estavam presentes, junto com a tia da Marianne, Lillian. Elysia Craig Walker e seu marido, Tom, davam boas-vidas a Belinda à família, e sua filha Crissy agia como uma flor de menina.

Belinda estava primorosa em um vestido de renda branco com uma longa calda e um véu de renda delicado. Ela levava um buquê de botões de rosas brancas e chorou quando seu, devastadoramente lindo, marido ergueu o seu véu e a viu pela primeira vez como sua esposa.

Fora da igreja, os vaqueiros da fazenda Craig fizeram uma fila dupla e jogaram confetes sobre o casal feliz na entrada. Um dos vaqueiros tinha acabado de se formar no segundo grau e era o mais novo empregado do lugar. Ele usava um chapéu de vaqueiro, uma bandana vermelha, botas, calça jeans, um chapéu de vaqueiro, camisa de cambraia e tinha um sorriso dentuço enorme— seu nome era Edward Kells.

O casal feliz acenou para ele enquanto passava apressado, indo à limusine que os levaria ao rancho para trocarem de roupa antes de continuarem a recepção que Matt Caldwell estava preparando para eles em sua elegante mansão nos arredores de Jacobsville.

Eles entraram no carro e o motorista deu a partida.

Luke olhou para Belinda com o coração inteiro nos olhos. "O melhor dia da minha vida", ele murmurou, "Sra. Craig".

"E o meu melhor dia, Sr. Craig", ela ecoou.

As palavras exemplificavam o voto de amor. Ele a trouxe para perto e a beijou. Atrás deles, a multidão falava sobre os detalhes do casamento elegante. Mas dentro da limusine, dois pares de olhos cintilavam olhando para um lindo e brilhante futuro.

*****FIM*****

	Projeto Revisoras Traduções Grupo Romances Traduzidos http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/ Comunidade Romances S.A. http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?emm=80221161
---	--

Revolução Texana

O primeiro tiro da revolução foi disparado na Batalha de Gonzales no dia 2 de Outubro de 1835. Durante os três meses seguintes os colonos texanos expulsaram todas as tropas do exército mexicano da província.

Em janeiro de 1836, o presidente mexicano e o general Antonio López de Santa Anna levaram tropas mexicanas para o Texas a fim de acabar com a rebelião. O general Jose Urrea marchou com metade das tropas pela costa do Texas na campanha de Goliad, enquanto Santa Anna conduziu o resto das tropas a San Antonio de Bexar. Depois de um cerco de treze dias o exército de Santa Anna derrotou o pequeno grupo de texanos na Batalha de Alamo e continuou a ir para o Leste.

Muitos texanos, inclusive o governo, abandonaram as suas casas, na fuga chamada Runaway Scrape. Santa Anna e as suas tropas procuraram o governo texano e o exército texano conduzido por Sam Houston. No dia 21 de Abril de 1836, os texanos derrotaram o exército de Santa Anna na Batalha de São Jacinto; Santa Anna foi capturado no dia seguinte. O exército mexicano se retirou para a Cidade de México, terminando com a Revolução Texana.



Hereford

A raça Hereford é originária do condado inglês de mesmo nome, zona de topografia ondulada e que apresenta condições climáticas favoráveis para a produção de pastos superiores. Apesar deste ambiente natural, de vales e planícies com solos férteis, a raça se encontra hoje difundida de forma tão ampla por todo o mundo, que resulta de todo impossível definir a topografia e tipos de solo que melhor se adaptam à raça.



Santa Gertrudis

Raça que se adaptou muito bem ao calor, mas que exige boas pastagens. O Santa Gertrudis é um vencedor na maioria das provas de ganho de peso nos EUA. No Brasil também se mostrou um gado bem adaptado. Os bezerros desmamam com um peso de 195 kg e aos oito meses já pesam 225 kg.. O peso dos animais adultos é 650 kg nas vacas e 900 kg nos touros.



Longhorn

O Texas Longhorn (literalmente, chifre comprido) é uma raça conhecida pelos seus chifres, que podem se estender até 1,20 m de ponta a ponta. É conhecido por sua coloração diversificada. O Texas Longhorn com sua genética de elite, muitas vezes pode custar 40.000 dólares ou mais. Devido sua facilidade de adestramento e inteligência, o Texas Longhorn está sendo cada vez mais treinado para ajudar na condução do gado.



Appaloosa

Animal de sela, sendo desta forma útil nos trabalhos rurais, nos trabalhos com gado e também apresenta grande habilidade em velocidade a curtas distâncias.



Cavalo Árabe

É uma das mais puras e antigas raças de cavalos do mundo e que praticamente entrou na formação de quase todas as raças modernas. Seleccionada no deserto da Península Arábica, entre o mar Vermelho e o Golfo Pérsico, por onde vagavam algumas tribos nômades; a quem se deve a pureza sanguínea na seleção do cavalo árabe e a importância dada às éguas mães - Koheilan, Seglawi, Ibeion, Handani e Habdan, as cinco éguas que serviram de matrizes para as cinco principais linhagens que compõe a raça Árabe até os nossos dias.

Stormtrooper, traduzido como soldado nazista.

Foi uma tropa militar especialista, formada nos últimos anos da I Guerra Mundial quando o exército alemão desenvolveu novos métodos de ataque ao inimigo em trincheiras, chamado de "infiltrações táticas". Há também a utilização do termo "tropas de assalto" ou "tropas de choque" para indicar soldados especialistas que realizam tarefas de infiltração.

Operação Tempestade no Deserto

A Guerra do Golfo foi um conflito militar iniciado em 2 de agosto de 1990 na região do Golfo Pérsico, com a invasão do Kuwait por tropas do Iraque. Esta guerra envolveu uma coalização de forças de países ocidentais liderados pelos Estados Unidos da América, Grã Bretanha e países do Oriente Médio, como a Arábia Saudita e o Egito, contra o Iraque.

Em 25 de janeiro, as forças aliadas que haviam estabelecido a supremacia aérea, bombardeando as forças iraquianas, não podiam se abrigar nos desertos do sul do Iraque. As forças da ONU, sob as ordens do general Norman Schwarzkopf, desencadearam a denominada "Operação Tempestade no Deserto" (como ficou conhecida), que durou de 25 a 28 de fevereiro, na qual as forças iraquianas sofreram estrondosa derrota. No final da operação, o Kuwait foi libertado.

Alvin Toffler

Escritor norte-americano, nasceu no dia 3 de Outubro de 1928 e é conhecido como futurista por apontar tendências que se tornaram realidade. Tem doutorado em Letras, Leis e Ciência, conhecido pelos seus escritos sobre revolução digital, revolução das comunicações e singularidade tecnológica.



Pássaro Robin e seu ninho.



Chaparreira

Calça de couro com franjas, usada pelos peões durante a montaria por cima da calça jeans.



À esquerda chapéu Ten-gallon, traduzido como chapéu de vaqueiro.

À direita, Stetson, também tradicional chapéu de vaqueiros.

